



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH – CAMPUS VI**

**COLEGIADO DE HISTÓRIA**

**MARIELE ARAÚJO SANTOS**

**PRODUÇÕES FEMININAS: O ARTESANATO A PARTIR DA PALHA DE LICURI  
COMO FORMA DE SUBSISTÊNCIA E RESISTÊNCIA CULTURAL NA  
COMUNIDADE DE JIBOIA, 1998 - 2024 (MACAÚBAS-BA).**

**CAETITÉ – BA**

**2025**

**MARIELE ARAÚJO SANTOS**

**PRODUÇÕES FEMININAS: O ARTESANATO A PARTIR DA PALHA DE LICURI  
COMO FORMA DE SUBSISTÊNCIA E RESISTÊNCIA CULTURAL NA  
COMUNIDADE DE JIBOIA, 1998 - 2024 (MACAÚBAS-BA).**

Monografia apresentada à banca examinadora da  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB CAMPUS VI,  
como requisito necessário para a obtenção do título de  
Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Nivaldo Osvaldo Dutra.

CAETITÉ – BA

2025

## **Agradecimentos**

“vá o mais longe que puder, mas não se esqueça de onde você veio” essa frase sempre esteve comigo desde que cheguei na Universidade, e falar da minha trajetória sem ela é impossível. Desde o início da graduação já tinha em mente que minha pesquisa de TCC tinha que ser da minha região, da minha cultura, da minha história. Pois, sendo uma menina mulher, criada na zona rural, reconheço minhas raízes e o valor de pertencer a esse lugar de cultura e tradições. Dessa forma, pesquisar sobre o artesanato da comunidade a qual cresci, artesanato que sustentou famílias e se faz presente até hoje entre elas significou olhar para minha cultura com mais sensibilidade e respeito. Com isso, dar voz as mulheres artesãs foi uma honra, conhecer cada parte da história do fazer artesanato por cada uma delas foi muito prazeroso e significativo, pois pude chegar até aqui e trazer suas narrativas, seus saberes e seus viveres.

Diante disso, vem o primeiro agradecimento, que é dedicado à minha mãe, minha melhor amiga, meu maior orgulho, minha inspiração e meu maior incentivo, sem ela nada disso teria se concretizado, ela foi e é minha base e graças a arte dos seus trançados nada me faltou desde a Educação Básica até aqui no Ensino Superior. Agradeço a minha irmã Juliana Maria, por todo apoio e incentivo, ao meu irmão José Sandro que mesmo a quilômetros de distância nunca deixou de me apoiar a continuar nos estudos. Aos meus sobrinhos Maria Luiza, Ítallo Lorenzo e Helena Liz, pelo simples fato de existirem e fazerem a minha vida mais feliz.

Sendo católica, não posso deixar de expressar a tamanha gratidão que é crer no senhor e tê-lo presente na vida, agradeço imensamente por sua presença, por sua proteção, pela sabedoria e pela força, sem minha fé em Deus eu nada seria. Agradeço em conjunto a mim mesma, que pela força dada por Cristo, não desisti e nunca esqueci ou neguei minhas origens, reconheço minha grandeza, minha humildade, meus valores e minha dedicação para chegar aqui.

Dando sequência, é impossível não mencionar a gratidão aos participantes dessa pesquisa, os sujeitos que aceitaram narrar um pouco de suas vivências, de suas histórias, levarei cada uma das entrevistas, as risadas, as emoções, cada detalhe compartilhado por toda minha vida. Serei eternamente grata a cada um de vocês: Aline Santos Pereira, Ana Maria Brito dos Santos, Antônio Martins dos Reis, Maria de Jesus Araújo, Maria Silva Meira, Maria Souza de Jesus, Marluce Pires de Oliveira e Izabel Soares dos Santos.

Agradeço aos/às Professores/as que me parabenizaram pela escolha dessa temática e me incentivaram a continuar por essa linha de pesquisa, valorizando minha escolha e a riqueza cultural que o artesanato apresentado agrega em minha vida e dentro dos espaços acadêmicos. Um agradecimento muito especial, ao meu professor e orientador, por aceitar me orientar, por ficar empolgado com a riqueza da pesquisa, pelas sugestões, pela flexibilidade, pela atenção, por todo apoio e participação no decorrer das aulas e orientações, por todo carinho e amizade

que possibilitou chegarmos até aqui. Meu muito obrigado a você Prof. Dr. Nivaldo Osvaldo Dutra.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a minha vó paterna, Francisca Maria dos Santos (in memoriam), que também foi uma mãe para mim, pois sempre me acolheu em sua casa por toda minha infância, quem teve paciência em me ensinar trançar chapéu, me incentivou ir sempre à igreja e que eu nunca parasse de estudar, a ti toda gratidão do mundo vó. Esteja em paz, a senhora é eterna no meu coração.

A todos de forma em geral que me ajudaram/ apoiaram direta ou indiretamente no decorrer dessa minha trajetória, meu muito obrigado!

## **Resumo**

A presente pesquisa tem por objetivo apresentar e analisar o trabalho artesanal produzido por mulheres da comunidade de Jiboia no município de Macaúbas-Ba. Esse artesanato é realizado com o material do próprio local que habitam, sendo bastante predominante na região a palmeira sertaneja de nome científico *Syagrus coronata*, também conhecida como o Licuri, que através dela é recolhida as palhas para confecção artesanal. Esse artesanato é uma prática frequente na vida das mulheres artesãs desde suas ancestrais, e além de ser uma atividade que contribui com a renda familiar desde antes de haver programas de auxílios do governo Federal, bem como o Bolsa Família, também está relacionado a resistência cultural na vida de cada uma dessas mulheres e os elementos culturais da comunidade, se constituindo como patrimônios materiais e imateriais desse lugar. Pois, essa atividade artesanal é uma pratica passada de mãe para filha ao longo dos anos, assim essa realização se constitui como a identidade dessas artesãs, a relação com suas memórias, saberes e viveres, e sua contribuição com a subsistência da família. Para construção da pesquisa utilizei as contribuições metodológicas da História Oral para coleta de dados, entrevistas. E diante essa metodologia me baseio a partir das contribuições de autores com propriedade nessa área científica e suas dimensões, bem como Michael Pollak ao discutir sobre Memória e suas características, Stuart Hall que é referência nos estudos sobre Identidade Cultural, entre outros. Ademais, ainda como fundamentação teórica apresento autoras que são referências nos estudos sobre o gênero feminino e suas lutas, bem como Ângela Davis e Bell Hooks. Essa pesquisa tem uma abordagem qualitativa, por analisar a trajetória das produções artesanais entre as mulheres artesãs da comunidade de Jiboia, onde elas foram interpretadas a partir de suas percepções, opiniões, sentimentos, sensações e pensamentos. Mas, também teve uma base quantitativa onde a pesquisa se desenvolveu a partir de entrevistas e quadros comparativos da quantidade de artesãs que produzem o material. Portanto, aqui desenvolvi uma pesquisa com foco no sujeito feminino, dando destaque a seu trabalho artesanal e sua posição de líder da família para além do quesito doméstico, mas principalmente, na contribuição com a sustentação familiar. Por fim, é uma contribuição para delimitar a cultura a cerca da temática pesquisada, contribuindo com a divulgação desse trabalho realizado pela comunidade de Jiboia e sua relevância socioeconômica e cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres; Artesanato; Licuri; Comunidade de Jiboia; História Oral.

## **Abstract**

The purpose of this research is to present and analyze the handicrafts produced by women from the community of Jiboia in the municipality of Macaúbas-Ba. These handicrafts are made from materials found in the area where they live, with the sertaneja palm tree, scientifically known as *Syagrus coronata*, also known as Licuri, being very prevalent in the region. The straw from this tree is collected for use in handicrafts. This craft has been a frequent practice in the lives of women artisans since their ancestors, and in addition to being an activity that has contributed to family income since before the existence of Federal government aid programs, such as Bolsa Família, it is also related to cultural resistance in the lives of each of these women and the cultural elements of the community, constituting the tangible and intangible heritage of this place. This craft activity has been passed down from mother to daughter over the years, and thus constitutes the identity of these artisans, their relationship with their memories, knowledge, and experiences, and their contribution to the family's livelihood. To construct the research, I used the methodological contributions of Oral History for data collection and interviews. This methodology is based on the contributions of authors who are experts in this scientific field and its dimensions, such as Michael Pollak, who discusses memory and its characteristics, and Stuart Hall, who is a reference in studies on cultural identity, among others. In addition, as a theoretical foundation, I present authors who are references in studies on women and their struggles, such as Angela Davis and Bell Hooks. This research has a qualitative approach, as it analyzes the trajectory of handicraft production among women artisans in the community of Jiboia, where they were interpreted based on their perceptions, opinions, feelings, sensations, and thoughts. However, it also had a quantitative basis, where the research was developed from interviews and comparative tables of the number of artisans who produce the material. Therefore, I developed a study focused on women, highlighting their craftsmanship and their position as leaders of the family beyond domestic matters, but mainly in their contribution to supporting the family. Finally, it is a contribution to defining the culture surrounding the researched theme, contributing to the dissemination of this work carried out by the Jiboia community and its socioeconomic and cultural relevance.

**KEYWORDS:** Women; Handicrafts; Licuri; Jiboia Community; Oral History.

## Introdução

O artesanato pode ser definido como “um complexo de atividades de natureza manual, através das quais o homem manifesta a criatividade espontânea” (Pereira, 1979, p.21). Dessa forma, entende-se que o artesão ou artesã que realiza esse tipo de trabalho confecciona grande parte do produto que está sendo trabalhado, podendo utilizar alguns instrumentos para dar acabamentos ao objeto ou ser feito apenas manualmente.

A presente pesquisa apresentada é intitulada *Produções Femininas: o artesanato a partir da palha de Licuri como forma de subsistência e resistência cultural na comunidade de Jiboia<sup>1</sup>, 1998 - 2024 (Macaúbas-Ba)*. Ela tem o foco central na atuação das mulheres da comunidade de Jiboia em realizar a produção do artesanato a partir do extrativismo da palha do Licuri<sup>2</sup>. Nessa produção artesanal, as artesãs estão intimamente vinculadas ao produto, do início ao fim da confecção dos objetos até sua comercialização.

O interesse por essa temática é pessoal, pois falar do artesanato é colocar minha trajetória de vida pessoal e acadêmica em foco, já que sou natural da comunidade de Jiboia no município de Macaúbas<sup>3</sup>, filha de trabalhadores rurais, onde tal prática artesanal se faz presente na vida da família desde nossa ancestralidade materna e permanece até a atualidade. Minha mãe dá continuidade a essa prática e ensinamentos, tendo sustentado seus três filhos e os guiados nos caminhos da educação, mesmo não tendo sua formação educacional completa. Sempre nos orientou a estudar e não desistir das possibilidades que a educação pode oferecer. E graças a esse alicerce e ao incentivo familiar, ingressei-me na Universidade do Estado da Bahia no curso de História no ano de dois mil e vinte, logo que saí do Ensino Médio cursado no Colégio Estadual Cônego Firmino Soares, aos dezessete anos me adentrei no espaço acadêmico e hoje, chegando ao final dessa etapa da minha primeira graduação, como forma de agradecimento, orgulho e prazer, homenageio minha mãe dona Maria de Jesus Araújo e as demais mulheres e

---

<sup>1</sup> A comunidade de Jiboia é localizada no município de Macaúbas no Estado da Bahia, na zona Fisiográfica da Serra Geral, a comunidade se situa na região serrana do município e é conhecida por suas práticas culturais, sejam as confecções artesanais pelas mulheres da comunidade, como também os novenários do padroeiro São Miguel Arcanjo e o terno de Santo Reis. A comunidade é formada por cinquenta e cinco famílias, onde a maioria vivem do trabalho realizado na roça, atividade de autossubsistência baseada na plantação de mandioca, milho, feijão, abóbora e alimentos frutíferos, criação de animais e da produção de artesanato para comercialização no município e cidades circunvizinhas.

<sup>2</sup> O artesanato produzido na comunidade de Jiboia é feito a partir da fibra da palmeira *Syagrus Coronata*, denominação científica, também conhecida popularmente como ouricuri, urucuri, licuri, aricuri, licurizeiro, nicuri, coqueiro cabeçudo, coqueiro dicuri (Drumond, 2007). Aqui apresento a nomenclatura mais usual pelos residentes desta comunidade, o “Licuri”.

<sup>3</sup> O município de Macaúbas está situado na região central do estado da Bahia, na chamada Zona Fisiográfica da Serra Geral, Chapada Diamantina Meridional. Faz limites, ao Norte, com os municípios de Boquira, Paratinga e Ibipitanga, ao Sul com Botuporã, Tanque Novo, Igaporã, ao Leste com Rio do Pires e a Oeste com Riacho de Santana. Fica a 682 km da capital baiana Salvador.

mães que criaram seus filhos e sustentam seu lar a partir do trabalho artesanal na comunidade de Jiboia.

A temporalidade escolhida foi mil novecentos e noventa e oito, visto que durante esse período ainda não havia o programa de auxílio familiar do governo federal, o Bolsa Família<sup>4</sup>. Com isso, as pessoas das comunidades rurais dependiam exclusivamente do trabalho para manterem suas famílias, como será apresentado no decorrer da pesquisa através das narrativas coletadas pelas mulheres entrevistadas. Já o ano de dois mil e vinte e quatro foi escolhido por ser o ano em que as entrevistas foram coletadas e também a realidade dessas mulheres já terem sido modificadas, bem como com o recebimento do auxílio do governo federal, o Bolsa Família e também algumas já serem beneficiadas com a aposentadoria. Assim, são recortes com a intenção de apresentar duas realidades da vida social das mulheres envolvidas na pesquisa. No primeiro todas elas tinham a necessidade de realizar essa prática artesanal para contribuir com a subsistência da família e no segundo há relação delas com a permanência dessa prática para complementar a renda familiar, mas não necessariamente a obrigação em fazê-la, ou seja, algumas mulheres na comunidade se mantêm unicamente com o auxílio do governo (uma quantidade mínima). Nesse período as mulheres que continuam com a prática artesanal realizam não só relacionando o artesanato com a renda extra, mas também com o pertencimento e orgulho em preservar a cultura na qual se especializaram ao longo do tempo, e por não mais se verem sem sua realização. Diante disso, entende-se que essas artesãs compreendem a atividade artesanal como sua identidade individual e coletiva. Firmando assim, a produção artesanal a partir da palha de Licuri como um patrimônio cultural da comunidade de Jiboia. Se tratando de patrimônio cultural, Monica Zanellato Stanger destaca que,

Pode-se entender como Patrimônio Cultural um bem que seja importante para uma pessoa ou mesmo para um grupo de pessoas, uma riqueza recebida como herança, documentos antigos, monumentos, pois relatam a história da sociedade em que se vive, trazendo recordações do passado, fazendo com que seu povo possa se sentir unido por um sentimento comum (Stanger, 2025, p. 17).

A centralidade da pesquisa no sujeito feminino parte da grande quantidade de mulheres que lideram a atuação da prática artesanal na comunidade, mas também pelo meu interesse pessoal em enaltecer o trabalho delas e sua posição de líder da família, não só no quesito doméstico como também na participação de sustentar economicamente seus filhos e o lar.

---

<sup>4</sup> O programa de Bolsa Família (PBF), criado em outubro de 2003, é um programa de transferência direta de renda com condicionalidades, voltado para famílias com situação de pobreza e extrema pobreza em todo o país. Esse programa é atualmente uma das mais importantes ações de proteção social brasileira e responsável por tirar mais de 33 milhões de brasileiros da pobreza absoluta. Ao entrarem no PBF, as famílias recebem um benefício financeiro mensalmente e assumem compromissos na área de saúde e educação. As condicionalidades do Bolsa Família são, na verdade, o exercício de seus direitos sociais.

Mulheres essas que a cada dia estão dispostas a dar o melhor de si para desenvolver renda para o sustento de sua família, entre elas estão mulheres negras e brancas, que se articulam em sintonia com amor à arte do trançado e a preservação dessa prática em sua família. Ademais, esse artesanato tem grandes significados para elas e para mim, principalmente relacionado as nossas emoções, pois essa é uma prática passada de mãe para filha durante séculos e carregamos conosco as lembranças e momentos daquelas quem nos ensinaram a trançar e ter amor pela arte do trançado. Assim, fica evidente os traços de orgulho em dar continuidade a essa atividade artesanal, tendo sempre nossa prática vinculada as lembranças daquelas que nos ensinaram e os momentos em conjunto com outras mulheres na realização da produção do artesanato, sejam as mães, as avós, as tias, as primas, as comadres e assim sucessivamente.

O município de Macaúbas oferece uma diversidade muito ampla de produções artesanais, porem o artesanato aqui apresentado faz parte da região, cujo as comunidades rurais e circunvizinhas da comunidade de Jiboia produzem o mesmo artesanato, do mesmo material e com o mesmo acabamento (entretanto, depois de alguns anos algumas mulheres aderiram a inovações, seja em novos objetos ou novos acabamentos). Essas comunidades são distantes do município e em cada uma delas e arredores há predominância da palmeira, que também é conhecida como a palmeira sertaneja, o Licuri de nome científico *Syagrus coronata*. O extrativismo realizado pela comunidade para obtenção do material para produzir o artesanato é controlado, pois temos a consciência que se extrair exageradamente o material sem controle algum pode prejudicar as palmeiras, impossibilitando seus desenvolvimentos e acarretando na sua morte. O que é negativo para as produtoras que necessitam da matéria prima para confeccionar seus artesanatos e também para as pessoas que comercializam o produto (essa venda dos oíós do coqueiro Licuri pode ser a quantidade estabelecida pela compradora ou também a carga completa que varia de cinquenta a sessenta palhas no fecho) as mulheres que não tem em suas roças.

Se tratando da utilização da palmeira Licuri vale destacar que ela não se remete apenas a coleta dos oíós para confecção dos chapéus e da palha verde para a confecção das esteiras, a palmeira também é composta por cachos de cocos, os quais fazem parte da alimentação de animais, bem como aves e insetos, e também dos próprios cidadãos que retiram a matéria prima para o artesanato. Geralmente, o consumo dos cocos é para acompanhamento na hora de tomar água ou até mesmo uma distração para o estomago durante o dia, esses cocos são consumidos tanto crus, como também cozidos, variando a partir do gosto de cada indivíduo que o consome. Há também a utilização das palhas para confecção de telhados, tanto em latadas, engenhos, confecção de vassouras, entre outros. Dessa forma, compreende-se que a palmeira tem muito a

oferecer para a comunidade e natureza, sendo de extrema importância sua manutenção e sua preservação.

Diante disso, observa-se o cuidado com a preservação da palmeira a partir das contribuições de uma das entre tantas Marias que há na comunidade, mas essa depois da minha mãe é uma das mais especiais, pois foi ela quem me batizou e a ela sempre terei muito carinho, minha madrinha dona Maria Souza de Jesus que ao ser entrevistada perguntei sobre como são adquiridos os materiais usados para as produções do artesanato em sua família e ela sabiamente me respondeu,

Assim, eu não tenho muita compra né, dos oí, mais porque eu tenho os meus terrenos, eu tenho, a gente qui cuida muito dos coqueiros pra sempre ficar produzindo, pra não ter falta pra mim, tanto o chapéu qui nem a esteira, se eu for procurar uma palha pra uma esteira eu tenho, se eu for procurar um chapéu a um oí pra o chapéu eu tenho também graças a Deus (Maria Souza de Jesus, 2024, entrevista concedida a autora em 01 de maio de 2024).

Figura 1: Fotografia de Maria de Jesus Araújo retirando a palha da palmeira Licuri para confecção de esteiras.

Figura 2: Fotografia do fruto do Licuri, os cocos que fazem parte da alimentação de animais e pessoas da região.



Fonte: Acervo particular da autora, 2024.



Fonte: Acervo particular da autora, 2025.

Para realização desta pesquisa me utilizo como suporte metodológico as contribuições da História Oral, visto que para sua realização houve a produção de entrevistas, bem como já apresentado uma dessas entrevistas anteriormente, no intuito de analisar as perspectivas das mulheres artesãs e as memórias deixadas por suas ancestrais. Assim, o uso da metodologia da História Oral se reflete nas narrativas coletadas, possibilitando analisar como as realidades do passado chega até o presente e como se entrelaçam.

A História Oral produz narrativas orais, que são narrativas de memória. Essas, por sua vez, são narrativas de identidade na medida em que o entrevistado não apenas mostra como ele vê a si mesmo e o mundo, mas também como ele é visto por outro sujeito ou por uma coletividade. Nesse sentido, “a dependência da memória, em vez de outros textos, é o que define e diferencia a história oral em relação a outros ramos da História”. (Entress; Wickham, 1992 apud Errante, 2000, p. 142).

Na construção da pesquisa, como já mencionado utilizo as contribuições da História Oral, diante disso, durante o ano de dois mil e vinte e quatro organizei um cronograma para coleta de narrativas na construção da pesquisa de campo. Foram realizadas oito entrevistas, onde sete delas foram com mulheres da comunidade, com faixa etária de vinte a setenta e oito anos. Ademais, realizei a entrevista com um revendedor dos chapéus e esteiras produzidos pelas mulheres da comunidade e as circunvizinhas, ele é natural da comunidade de Boa Madeira onde também há grande predominância da prática artesanal entre as mulheres. Essas entrevistas foram realizadas a partir de um questionário, o utilizado para entrevistar as mulheres foi constituído com vinte e três questões, já o do revendedor foram apenas dezoito questões. E para o armazenamento das narrativas utilizei o meu smartphone e após a coleta realizei as transcrições de cada uma delas.

Nesse processo de construção da pesquisa também me baseio em discussões frente a História Cultural<sup>5</sup> para analisar as tradições desse artesanato, suas significações culturais e questões sobre patrimônios, já que se trata de um trabalho com importância histórica e cultural possibilitando conhecer a história e aquilo que a envolve nas determinadas práticas e saberes dessas mulheres. Com isso, essa pesquisa se reflete como meio de valorizar os elementos culturais da comunidade e manter viva a identidade cultural dessas mulheres artesãs. Aqui irei discutir a história local da minha comunidade e seus aspectos econômicos e culturais, partindo do sujeito feminino, seu trabalho artesanal e como essa prática se faz importante para nosso meio social, dentro do espaço rural e fora dele.

Ademais, esse estudo parte da minha localidade, de forma que contribuo para a produção historiográfica e apresento as relações econômicas travadas no seio da comunidade. Desse modo, a construção histórica da pesquisa se situa também na História Social<sup>6</sup>, analisando

---

<sup>5</sup> No livro *O que é história cultural?* especificamente no capítulo quatro, intitulado *Um novo paradigma?* Peter Burke enfatiza a ideia de que a “nova história cultural” (NHC) representa um novo paradigma ou modelo de produção histórica. A expressão “nova história cultural” entrou em uso no final da década de 80 e corresponde à forma dominante de história cultural praticada atualmente. De outro modo, sinaliza um modelo para a prática “normal” da qual decorre uma tradição de pesquisa. BURKE, PETER. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005 apud S. da Silveira Costa 2007.

<sup>6</sup> História social é um campo da disciplina de História que tem como objeto a sociedade como um todo. Surgiu como uma reação à história política e militar que destacava somente figuras individuais como reis, heróis, etc. A historiografia da História Social tem como principais autores Marc Bloch e Lucien Febvre, fundadores da revista *Annales*, que deu origem à Escola dos *Annales*. A história social, ganha força no Brasil por volta de 1960,

o sujeito rural, onde o foco são as mulheres, que são atoras sociais da comunidade, onde o lugar simples e o manejo familiar na agricultura não corrobora para a projeção social das mesmas, ali desenvolvem atividades de plantação de mandioca, milho, feijão, abóbora e alimentos frutíferos, além da criação de animais de pequeno e meio porte e da produção significativa de artesanato. Em contribuição com minha pesquisa destaco o texto: “Fazer artesanato para fazer a roça”: apropriações e usos de recursos naturais na Comunidade Quilombola da Serra das Viúvas, sertão alagoano de Fanny Longa Romero, onde a autora apresenta:

[...] que é possível afirmar que a prática do artesanato atende a uma história milenar relacionada aos processos sociais de pertencimento identitário e territorial com o lugar. Essa história é operacionalizada pela memória coletiva e a oralidade dos grupos sociais em contexto. (Romero, 2014, p. 5).

Portanto, ao estudar a história da comunidade por meio das narrativas dessas mulheres nós adentrarmos aos processos sociais e históricos que configuram a memória coletiva do lugar, e também passamos a entender como o artesanato produzido por elas torna evidente a relevância socioeconômica e cultural em suas vidas.

Diante das informações mencionadas, apresento agora a organização dessa monografia, ela foi sistematizada da seguinte forma: Introdução, onde é apresentado a temática e suas características, meu interesse em estudá-la, o município de Macaúbas e a comunidade de Jiboia, o sujeito feminino como o foco da pesquisa, o procedimento metodológico e os aportes da História Oral; Capítulo 1- Comunidade de Jiboia: História, Memória e Identidade, apresento inicialmente os aportes da História e sua contribuição com os estudos sociais e culturais, a Memória como guia para os estudos culturais sobre as mulheres artesãs e sua relação com os ensinamentos de suas ancestrais e a constituição da identidade dessas mulheres com a realização do artesanato na comunidade e logo após essa apresentação baseada nas contribuições científicas apresento a comunidade estudada e suas características físicas, culturais e socioeconômicas; Capítulo 2- Ancestralidade Feminina: saberes, fazeres e viveres, onde apresento o sujeito feminino, as práticas, experiências e saberes no momento de confecção do artesanato, apresento a importância da permanência na realização entre as artesãs e como esse artesanato vai se constituindo como um patrimônio identitário entre elas e a comunidade; capítulo 3- As mulheres do Licuri: artesanato e sustento familiar, aqui descrevo o artesanato já em processo de comercialização, a feira livre de Macaúbas, a articulação econômica, lucro e

---

impulsionada por mudanças no pensamento histórico em outros países. Os principais representantes da História Social no Brasil são Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes e Nelson Werneck Sodré. Eles contribuíram significativamente para a compreensão da formação da sociedade brasileira, a partir de diferentes perspectivas, como a da cultura, do trabalho e da política.

despesas entre as produtoras assim como os revendedores e a contribuição na subsistência familiar; e por fim, as considerações finais onde apresento os resultados finais da pesquisa e a relevância que ela teve ao ressignificar a cultura local da minha comunidade, as mulheres artesãs, e também a descrição da importância dessa temática no meio acadêmico.

## **1. COMUNIDADE DE JIBOIA: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E IDENTIDADES.**

“conhecer o local e identificar suas características físicas e culturais é muito importante para o desenvolvimento histórico e social de uma comunidade, pois movimenta a economia e beneficia várias instâncias de uma região o que viabiliza seu crescimento e desenvolvimento” (Alves, 2020, p. 16).

A história é o único meio racional de investigar o passado. (cf. Peter Lee, 2011, p. 26). Diante dessa citação, cabe enfatizar que ao me adentrar no curso de História e passar a estudar as teorias que envolvem essa área das ciências humanas e os diversos percursos historiográficos, compreendi que nós historiadores através de nossos estudos e pesquisas somos imbuídos de instrumentos teóricos/metodológicos que nos capacitam nos estudos do passado, as teorias e os métodos, contribuem, principalmente para investigarmos detalhes e contextos históricos, assim como seus vestígios. E através desse estudo do passado é possível estabelecermos explicações para os acontecimentos do tempo presente. E para o tema em foco foi utilizado um compilado de contribuições seja da História, da História Social, da História Cultural, da Memória e da História Oral, só para citar algumas em tela, cada uma tendo seus aparatos específicos, mantem semelhanças, que me possibilitaram adentrar no universo dessa pesquisa.

Jacques Le Goff (2003, p. 469-470) apresenta “a memória como um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual e coletiva”. Dessa forma, a partir das memórias de cada mulher da comunidade de Jiboia foi possível compreender tanto a identidade de cada uma individualmente, como também a sua coletividade, onde todas possuem a identidade de ser artesã e desenvolver sua prática artesanal no coletivo. Nesse sentido essas memórias também foram analisadas como social, e nas entrevistas será possível observar como essas mulheres (grupo) se adaptaram ou transformaram seus saberes artesanais com o passar do tempo e como elas em conjunto se relacionam com ele, já que a memória pode ser seletiva e variar de indivíduo para indivíduo, lugar para lugar, município para município e assim por diante. Bem como é apresentado por Michael Pollak,

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (Pollak, 1992, p. 200-212).

Tendo pontuado alguns elementos sobre memória e suas multiplicidades no agir individual e coletivo entre as mulheres artesãs é possível compreender a construção da identidade das mulheres pesquisadas enquanto grupo de artesãs na comunidade, mesmo elas não trabalhando em conjunto (associação ou cooperativa), ou seja, todas as artesãs de certa forma se adentram em um grupo que praticam um artesanato específico e compreendem a importância dele para cada uma e o grupo em sua totalidade, bem como é apresentado por Maria Souza de Jesus ao ser indagada se essa prática é importante para as mulheres da comunidade e por que?

Sim, muito, é um importante porque um ajuda né qui tem, a gente trabalha com outros trabalhos na roça, mais tem aquela ajuda também desse trabalho né, é muito importante pra nois todas aqui. (Maria Souza de Jesus, 2024, entrevista concedida a autora em 01 de maio de 2024.)

Diante disso reflete-se mais uma vez as contribuições de Pollak (1992, p. 200-212) onde ele apresenta que “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, ao mesmo tempo em que, aparecem os critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros”. Onde mesmo essas mulheres produzindo o artesanato cada uma por sua conta o grupo delas a um todo fazem parte de uma mesma identidade.

Ainda sobre o conceito de identidade vale destacar as contribuições de Stuart Hall que discute sobre essa temática em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade” onde ele apresenta o processo ao qual a sociedade se molda, se amplia e se transforma e com isso a identidade vai sendo constituída a partir dos aspectos de cada lugar, tempo e vivências culturais, e assim, a identidade de cada povo em uma sociedade pode ser inserida em um constante processo de mudança e ampliação. Em seu livro ele defende que,

[...] A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (Hall, 2006, p.38)

Se tratando da história da comunidade de Jiboia, sabe-se que a mesma se originou a partir de divisões e vendas de terras, feitas pelos proprietários que haviam na redondeza e que estavam sempre negociando seus terrenos. Com isso, o local começa a se povoar, de início era chamada de “Boa Vista”, derivado de um lugar vizinho. Mais tarde, o nome mudou-se para Jiboia. Compreende-se que o nome se origina através da experiência de trabalhadores da comunidade encontrarem várias cobras nos locais em que desmatavam. E em um determinado terreno foi encontrado uma enorme cobra jiboia, dessa maneira passaram a denominar o local

de Jiboia. Posteriormente, firmando esse nome, Jiboia. Ainda sobre a referida comunidade, em relação aos meios de transporte utilizados pela população antes dos anos dois mil era que a locomoção dos indivíduos e suas mercadorias era realizada a partir de animais de carga e aqueles que não os possuíam transportavam suas mercadorias na cabeça, os automóveis eram ausentes na região. Mas, com o passar dos anos surgiram as primeiras linhas de ônibus para transportar a população para a cidade, ao menos aqueles quem podiam pagar. Já em relação aos vestuários, a situação variava dependendo da aquisição de cada família. As pessoas mais carentes não possuíam muitas peças, os panos eram caros e também nem todos possuíam teares, algumas mães costuravam a mão para vestirem os filhos. Já se tratando da educação, está se baseava no familiar, visto que eram os pais quem educavam os filhos. Porém, tempos depois, na comunidade vizinha, Lagoa do Maurício foi construída uma escola que passou a ensinar alunos de vários lugares, devido a carência de escolas nas outras comunidades. A primeira escola na comunidade de Jiboia foi construída no mandato da cidade vizinha, Boquira. E a primeira professora foi Lina Ferreira, que mora na comunidade Lagoa do Maurício e lá reside até os dias atuais. Por fim, se tem também sobre as comemorações da comunidade, as mais festejadas eram a cantiga de reis, dia das mães e a que vive até atualmente a festa do padroeiro da comunidade, São Miguel Arcanjo.

Figura 3: Fotografia da igreja São Miguel Arcanjo, padroeiro da comunidade de Jiboia.

Figura 4: Fotografia do atual prédio escolar da comunidade de Jiboia, que funcionou até o ano de 2024.



Fonte: Acervo particular da autora, 2025.

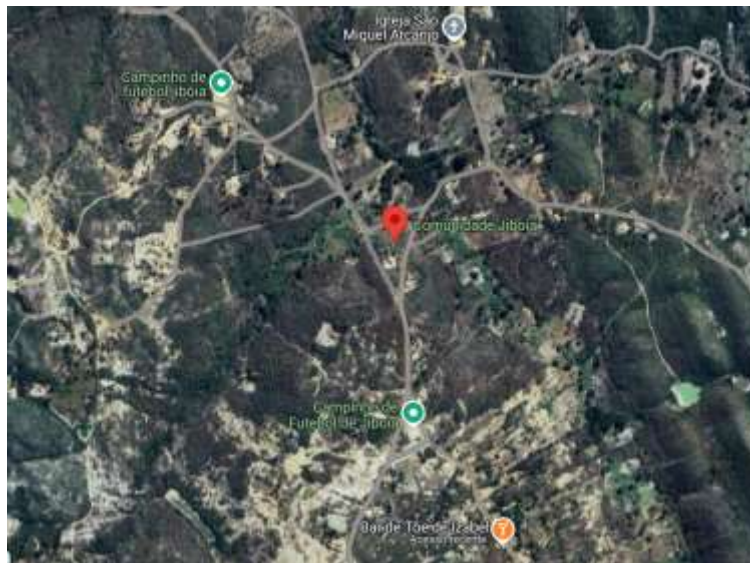


Fonte: Acervo particular da autora, 2025.

Atualmente as vivências do povo jiboense se modificaram, as famílias de certa forma possuem uma renda básica, possuem transportes, melhores opções de vestuários, um prédio escolar que foi dos anos iniciais até o terceiro ano do ensino fundamental (a escola funcionou até dois mil e vinte e quatro, sendo os alunos transferidos para o Colégio Municipal Lagoa do Maurício na comunidade vizinha Lagoa do Mauricio, ficando o prédio escolar para a

comunidade) e a igreja reformada tendo o mesmo padroeiro. Abaixo segue a imagem ilustrativa da comunidade, retirada do Google Maps onde descreve pontos principais do local, bem como a igreja de São Miguel Arcanjo nosso padroeiro e também local do cemitério que abrange a comunidade e as circunvizinhas, o campinho reservado ao lazer das crianças e adultos que jogam bola, o bar de Tõe de Zabel que além de bar também é um mercadinho que comercializa alimentos, gás, utensílios e outros, o que facilita a população não depender exclusivamente da cidade para realizar suas compras.

Figura 5: Imagem via satélite da localização da comunidade de Jiboia.



Fonte: Imagens ©2025 Airbus, CNES/ Airbus, Maxar Technologies, dados do Mapa ©2025.

Atualmente a comunidade de Jiboia é constituída de cinquenta e cinco famílias, onde a maioria delas dependem do trabalho de autossustentância a partir da roça e os mantimentos cultivados nela, também possuem o auxílio do governo federal, o Bolsa Família ou a aposentadoria. Já em relação da quantidade de famílias que realizam a prática do artesanato corresponde a trinta e oito famílias e destas, dezesseis são de mulheres já aposentadas, e se tratando das famílias que não realizam a produção do artesanato corresponde a dezessete famílias. Outras mulheres para além do trabalho de autossustentância e artesanato a partir da palha de Licuri também realizam outros artesanatos como bordado de ponto cruz, crochê e são costureiras, boleiras etc. Diante disso, observa-se que as mulheres da comunidade constroem sua independência financeira a partir do seu próprio trabalho individual, o que desmistifica o conceito arcaico que as vinculam apenas a domésticas sustentadas por seus maridos, ou que as mulheres do campo não têm oportunidades de renda extra como as que moram em cidades. Abaixo destaco duas imagens, a primeira que apresenta a comunidade de Jiboia e uma das estradas que levam ao prédio escolar e a igreja de São Miguel Arcanjo, e a segunda que

representa um mapeamento da divisão da quantidade das famílias artesãs que praticam o trançado a partir da palha de Licuri na comunidade.

Figura 6: Fotografia aérea via drone, apresentando o prédio escolar e a igreja da comunidade de Jiboia.

Figura 7: Mapeamento da produção artesanal a partir da quantidade de famílias artesãs na comunidade de Jiboia.



Fonte: Acervo particular, Emerson Renerio, 2023.



Fonte: Acervo particular da autora, 2025

Através da figura sete, compreende-se que boa parte da comunidade dá continuidade na prática artesanal mesmo algumas delas já serem aposentadas. Isso revela a importância dessa atividade na vida de cada uma delas e como elas se identificam com essa prática. Mais uma vez é possível analisar essa afirmação a partir da narrativa coletada da entrevista com, Maria Souza de Jesus que ao ser indagada sobre as mulheres que deixou de trançar porque já se aposentaram, em relação a isso ela diz que,

Graças a Deus nunca deixei, nunca, nunca, diz assim a, eu tenho meu dinheiro pra que qui vou fazer, nossa, nossa, ai que eu podia faze mais ainda. E aí eu ainda tava pensano, eu falei, mais a gente é tao descontrariado, só faiz se é da genti, o que qui a genti deveria faze, qui nem eu já to de danda, a genti deveria faze assim, é, vamo faze uma associação. (Maria Souza de Jesus, 2024, entrevista concedida a autora em 01 de maio de 2024).

Outra perspectiva que pode ser analisada parte da contribuição coletada a partir da entrevista realizada com o sr. Antônio Martins dos Reis que é um revendedor de chapéus e esteiras, morador da comunidade de Boa Madeira, que realiza o comércio dos produtos artesanais comprados com as mulheres artesãs tanto de sua comunidade como também na comunidade de Jiboia e também os produtos cultivados em sua propriedade, bem como a farinha, feijão, rapadura, entre outros, produtos que são comercializados na feira livre da cidade de Macaúbas semanalmente. Ele é um dos compradores mais antigos da região e atualmente mesmo sendo aposentado dá continuidade a seu cargo de revendedor e comerciante no município. Assim, durante a entrevista ao ser indagado sobre qual contribuição esse trabalho com a comercialização traz para sua vida, para além da questão financeira ele apresentou que,

Eu não sei nem lhe responder assim, por que pra mim, significa uma coisa, assim, eu também já tenho, qui eu sou aposentado qui nem ocê sabe, mas significa uma coisa pra mim que é importante, só de eu tar aqui na feira com isso aí ó, a pessoa chega, o da licença aí, deixa eu tirar um retrato aqui, tira aquele retrato vai lá pra forão, pra mostra, daí a pouco chega pessoas daquele mesmo tempo, cassando, a eu vi o senhor com essa formatura aqui de chapéu aqui o, então só isso a gente sente feliz é tanto qui tem hora qui so por dizer assim, não é só pelo dinheiro não, eu sinto confortável, é tem muita qui sabe dá valor, tem pessoas qui não dá bem o valor na verdade. Outra coisa qui eu faço tambem nisso aqui o, eu comercializo de tudo, a farinha, tapioca, rapadura, abacate, chapéu, maracujina, tudo da minha própria produção, aí quando eu não tenho tudo eu compro lá nas comunidade, de lá mesmo, por isso qui lhe falo, eu não compro nada de fora assim qui vem industrializado, qui vem de Conquista, Paraná, aqui é tudo coisa natural, porque qui nem ai, não faz mal a ninguém comer isso daí, não tem o agrotóxico né, porque hoje em dia, a feira aí, essas e outras na base quase do agrotóxico né, muitas coisas, na maioria. (Antônio Martins dos Reis, 2025, entrevista concedida a autora em 07 de fevereiro de 2025).

Realizando uma análise frente a essa quantidade de famílias artesãs e a permanência da prática artesanal em cada uma, é interessante frisar a questão da diminuição da continuidade em realizar o trançado, visto que boa parte das filhas das artesãs em busca de melhores condições de trabalhos ou estudos, saíram da comunidade para outros municípios ou Estados, o que interfere diretamente na continuação da realização do artesanato. Essa questão pode ser analisada a partir da entrevista realizada com minha mãe, dona Maria de Jesus Araújo que ao ser questionada se há outras mulheres na comunidade que realizam essa mesma atividade? se sim, são muitas? Respondeu que,

Muitas, várias mulher, a maioria todas faiz, ó, os filho qui hoje assim, os mais novo tá estudando ou tá trabalhando ni outros trabalho, mais a maioria todo mundo sabe fazer. (Maria de Jesus Araújo, 2024, entrevista concedida a autora em 01 de maio de 2024).

Assim, através dessa citação é possível compreender que todas as mulheres da comunidade sabem fazer o artesanato, mas que há uma diminuição na continuidade dessa atividade, por que os mais novos saíram da comunidade para sobreviver a partir de outras práticas, mas mesmo saindo carregam consigo o saber artesanal. Dando sequência a essa afirmação destaco outra fala de, Maria Souza de Jesus que ao ser indagada com a mesma questão mencionada anteriormente responde que, “Todas, as maiorias, as qui sairão sabia as qui ficou ainda sabe também, a mesma coisa né”. Dessa forma, é evidente que mesmo as pessoas que saíram do lugar onde a prática artesanal é frequente carregam consigo o saber fazer e o valor que ele tem para sua família e a comunidade em geral.

Ademais, vale destacar que mesmo essa pesquisa tendo foco no sujeito feminino é interessante mencionar que há também a produção artesanal da parte de alguns homens da comunidade. Bem como é possível observar na fala da minha mãe, Maria de Jesus Araújo que ao ser indagada se apenas as mulheres realizam essa prática artesanal na comunidade ela apresenta,

A maioria é, mais tem homi qui sabe também faze e faiz também, não é só muie não, tem homi qui faiz também, tem hora qui tem uma doença, tem hora qui não pode mais trabaia na roça tem um problema já fica em casa é trançando, tem muita genti qui trança, muito homi não é só muie não, homi, minino tudo já sabe. (Maria de Jesus Araújo, 2024, entrevista concedida a autora em 01 de maio de 2024).

Diante do exposto é notório observar que essa prática artesanal é muito forte na comunidade de Jiboia e mesmo tendo a liderança das mulheres nas confecções do artesanato é importante apresentar a participação do sujeito masculino na realização do trançado, pois essa atuação complementa a importância da realização artesanal entre as famílias e na constituição desses saberes como patrimônio da comunidade.

Assim, essa prática artesanal se constitui também como um fenômeno coletivo e social entre os sujeitos da comunidade de Jiboia ao todo, que carregam consigo os saberes artesanais e mantem essa prática em suas famílias, sendo sua riqueza, pois nela está contido suas memórias, sua cultura, seu modo de fazer, viver e agir, ou seja essa permanência da prática artesanal entre as famílias abrange o patrimônio material e imaterial da comunidade, sendo caracterizado a partir dos produtos culturais confeccionados, preservados e comercializados no município, sendo bens representativos da história cultural dos artesãos e seu lugar de origem.

## **2. ANCESTRALIDADE FEMININA: SABERES, FAZERES E VIVERES.**

“gente lembra, tem a lembrança derde quando di pequena qui a gente começou a fazer né, genti relembra, tá fazendo com a avó, com as tia.

Todo mundo junto, ajuntava o grupo nera, era muito animado” (Marluce Pires de Oliveira, 2024).

Sabemos que o sujeito feminino desde os primórdios da humanidade desempenha papéis significativos na sociedade, principalmente dentro do núcleo familiar, ao cuidar da casa, dos maridos e dos filhos. Mas, será que as mulheres desejavam estar reduzidas apenas a essa posição social na família e fora dela? Será que não almejavam desempenhar outras funções na sociedade e ter posição de igualdade perante a atuação presente no cotidiano dos homens? Sabemos a resposta, e sim, as mulheres almejavam ser protagonistas de suas histórias, almejavam romper os padrões impostos a elas. E como exemplo de uma mulher que iniciou sua luta contra o machismo e submissão do patriarcado na Bahia temos o exemplo de Maria Quitéria<sup>7</sup>, uma brasileira que se destacou na Guerra de Independência da Bahia (1822-1823), sendo a primeira mulher a integrar um Pelotão vindo do Recôncavo, liderado por Antônio de Castro, O Periquitão, por vestirem uniforme verde.

Diante do exemplo apresentado é possível analisar que as mulheres não se limitam aos padrões patriarcais desde séculos anteriores, e atualmente elas em todos lugares, seguem lutando por seus direitos de igualdade perante os homens, principalmente na questão salarial e desejos perante as possibilidades de atuarem na sociedade. Em resumo, as mulheres ao longo dos séculos passaram a reivindicar sua posição de agentes sociais não só do ambiente familiar, mas também no trabalho, na política e na comunidade ao todo, rompendo os padrões e buscando

---

<sup>7</sup> Maria Quitéria de Jesus Medeiros, nascida em 27 de julho de 1792, em São José das Itapororocas, Bahia, foi criada em um ambiente rural que moldou seu caráter e suas habilidades, destacando-se desde cedo pela força e coragem. Desde a infância, demonstrava habilidades incomuns para as meninas da época, como manejar armas, fruto de uma criação baseada no trabalho rural e no espírito de liderança. Quitéria se disfarçou de homem para alistar-se no Exército e lutar na Guerra de Independência da Bahia, onde sua bravura em batalhas decisivas lhe rendeu respeito e promoção, tornando-se símbolo da resistência feminina. Após sua morte, em 1853, foi reconhecida postumamente como a primeira mulher a integrar o Exército Brasileiro, recebendo homenagens em monumentos e eventos pelo país. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/biografia/maria-quiteria.htm>

a igualdade entre os gêneros. E para apresentar mulheres que se destacam nessa luta feminista, temos os trabalhos das importantes autoras: Ângela Davis<sup>8</sup>; Bell Hooks<sup>9</sup> e Lélia González<sup>10</sup>.

Diante do exposto sobre o sujeito feminino e os processos ao qual estão inseridos, e sua luta para romperem padrões, é possível compreender que as mulheres estão inseridas na historiografia a partir de muitos processos históricos ao longo dos séculos. E falar das mulheres, é falar de suas raízes, e aqui se adentra a importância da ancestralidade, visto que uma mulher constitui suas experiências e saberes a partir de suas ancestrais e seus ensinamentos. Diante disso, é evidente que essa pesquisa se fundamenta especificamente nos saberes e fazeres herdados pelas mulheres da comunidade de Jiboia através de suas ancestrais, sejam elas irmãs, tias, mães e avós.

Assim, estudar o artesanato a partir da palha de Licuri realizado por essas mulheres analiso as trajetórias de vida de cada uma, a relação que essa prática tem com suas antepassadas, como elas se relacionavam umas com as outras, as heranças deixadas em suas famílias e a importância da permanência desses ensinamentos na atualidade.

De acordo com Miranda (2014), nosso corpo está em constante mudança e somos carregadas de nossas bagagens e experiências, somos criadoras de nossas histórias, cada uma com suas peculiaridades e vivências. Ele afirma que a “a posse sobre o seu corpo, assim como uma territorialidade em constante movimento que para onde se desloca carrega consigo toda a bagagem cultural construída ao longo das suas trajetórias” (Miranda, 2014, p. 69-70.). Dessa forma, é possível compreender a fala de Maria Souza de Jesus ao afirmar que muitas das

---

<sup>8</sup> Ângela Davis é uma filósofa, escritora, professora e ativista estadunidense. Desde a década de 1960, Davis luta pelos direitos da população negra e das mulheres nos Estados Unidos. Intelectualmente, ela é influenciada pelo marxismo e pela Escola de Frankfurt. Nos movimentos sociais, defende a igualdade entre negros e brancos e a igualdade de gênero, além de teorizar acerca da importância do feminismo negro para reconhecer as dificuldades da mulher negra na sociedade, que, além de sofrer pela misoginia, sofre também pelo racismo. Suas principais obras são: *Mulheres, Raça e Classe*; *Mulheres, Cultura e Política* e *A Liberdade é Uma Luta Constante*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/angela-davis.htm>. Acesso em: 13/05/2025

<sup>9</sup> Bell Hooks nasceu em 1952 em Hopkinsville, uma cidade rural do estado de Kentucky, no sul dos Estados Unidos. Batizada como Gloria Jean Watkins, adotou o nome pelo qual é conhecida em homenagem à bisavó, Bell Blair Hooks. Formou-se em literatura inglesa na Universidade de Stanford, fez mestrado na Universidade de Wisconsin e doutorado na Universidade da Califórnia. Seus principais estudos estão dirigidos à discussão sobre raça, gênero e classe e às relações sociais opressivas, com ênfase em temas como arte, história, feminismo, educação e mídia de massas. É autora de mais de trinta livros de vários gêneros, como crítica cultural, teoria, memórias, poesia e infantil. Suas principais obras são: *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo* (1981); *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* (2015) e, *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade* (1994). Disponível em: <https://editoraelefante.com.br>. Acesso em: 13/05/2025.

<sup>10</sup> Lélia Gonzalez (1935-1994) foi uma importante intelectual e ativista brasileira. Considerada a primeira mulher negra a se dedicar aos estudos de raça e gênero no Brasil, Lélia desenvolveu forte pesquisa e militância na área. Assim, tornou-se indispensável para refletir sobre o papel da mulher negra na sociedade brasileira, bem como o próprio movimento negro, trazendo sempre uma perspectiva popular e humana. Suas principais obras são: *Festas populares no Brasil* (1987); *Lugar de negro* (com Carlos Hasenbalg) (1982) e, *Por um Feminismo afro-latino-americano* (2020, livro póstumo). Disponível em: <https://www.ebiografia.com>. Acesso em: 13/05/2025.

mulheres que saíram da comunidade de Jiboia carregam consigo o saber fazer do artesanato praticado por elas, evidenciando a sua bagagem cultural e sua trajetória de vida dentro e fora da comunidade natal.

Diante disso, observa-se que as mulheres da comunidade de Jiboia constituíram suas vidas e famílias com base nas raízes de suas ancestrais, mantendo viva a história delas e seus ensinamentos. Assim, mesmo estas não estando mais em terra, estão presente na vida de cada artesã que herdaram as práticas de suas ancestrais, dão continuidade aos seus saberes e resgatam suas manifestações culturais a partir de sua memória, ou seja, essas mulheres ressignificam as tradições de suas antepassadas a partir do artesanato ao qual praticam e as mantem eternizadas em suas vidas.

Sobre essa articulação das memórias das artesãs com suas ancestrais a partir de suas lembranças destaco as contribuições de Halbwachs (1990, apud Santos, Antônio Cesar de Almeida, 2005, p. 4) que apresenta “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”. Diante disso, compreende-se que as lembranças não vivem no passado, mas sim no presente de cada uma dessas artesãs que incorporam sentido as suas memórias a partir do artesanato ensinado por suas ancestrais.

E para analisar uma lembrança do saber fazer artesanal entre as mulheres da comunidade trago as contribuições de minha mãe, Maria de Jesus Araújo, que ao ser indagada sobre a partir de quando começou a realizar o artesanato com a palha de Licuri respondeu-me que,

Quando eu comecei, assim a idade, duns oito a nove ano qui eu aprendi qui a minha vó qui me ensinou, qui ela trançava e eu comecei a trança, aí, trançei o chapéu aprendi costurar e aprendi a faze isteira também, qui é o mesmo material, do mesmo coqueiro. (Maria de Jesus Araújo, 2024, entrevista concedida a autora em 01 de maio de 2024).

Nessa fala ela apresenta não só quando começou a trançar o artesanato, mas também que após isso, passou a costura-lo, e em seguida aprendeu a trançar a esteira. Trago essa observação por que algumas mulheres aprendem apenas o trançado e pagam a outras para costurarem, mas a maioria faz todo o processo da construção do chapéu. Entretanto, a esteira, muitas sabem trançar e costurar, mas não o fazem. Já minha mãe sempre gostou de fazer as esteiras e nunca parou, mesmo sendo mais trabalhoso, dessa forma ela é uma das poucas que confeccionam esse objeto. E complementando sua fala destaco outra narrativa dela, no momento em que questionei sobre qual dos dois produtos ela achava melhor de confeccionar, e ela me respondeu assim,

Os dois é a mesma coisa, só qui a isteira eu acho mais rápido pra faze, mais vai pela prática porque nem todo mundo isteira faiz, qui ela é mais, não sei se é mais difícil porque a genti faiz é porque gosta, precisa e gosta também di faze e tem coisa qui tem hora qui a gente tem hora qui não consegue, qui nem o boné mesmo eu nunca fiz, nunca tentei faze, porque eu acho muito difícil pra mim faze, então, já isteira, o tapete eu também acho difícil, mais a isteira e o chapéu pra mim não é difícil pra faze não, pra mim é bom, eu gosto e eu faço. (Maria de Jesus Araújo, 2024, entrevista concedida a autora em 01 de maio de 2024).

Abaixo apresento duas imagens dela no processo do trançado da esteira e também do seu acabamento final, que é a costura. Reparem que a trança está em dois estágios diferentes, o primeiro é no trançar, que é realizado com a palha verde, já no segundo momento que é o de costurar, a trança está seca. Isso por que após terminar o trançado demanda um tempo de ficar pronto para costurar, que é com a trança seca, visto que nesse estágio após o corte final de cada tira o trançado não se desmanche, o que pode acontecer se tentar costurar com as tiras verde.

Figura 8: Fotografia de Maria de Jesus Araújo realizando o trançado da esteira, com as palhas ainda verde.

Figura 9: Fotografia de Maria de Jesus Araújo realizando a costura da esteira, com a trança já seca.



Fonte: Acervo particular da autora, 2025.



Fonte: Acervo particular da autora, 2025.

Ainda se tratando da narrativa de minha mãe sobre quando iniciou o fazer artesanato é possível perceber a relação da lembrança dela com sua avó, que já trançava o artesanato e a ensinou quando criança antes mesmo dos dez anos de idade. E para complementar essa análise apresento a narrativa de outra entrevistada com a mesma indagação, Marluce Pires de Oliveira, que me respondeu da seguinte forma,

Gente lembra, tem a lembrança derde quando di pequena qui a gente começou a fazer né, genti relembra, tá fazendo com a avó, com as tia. Todo mundo junto, ajuntava o grupo nera, era muito animado. (Marluce Pires de Oliveira, entrevista concedida a autora em 29 de abril de 2024).

Diante dessas narrativas é possível perceber que mesmo sendo memórias individuais, elas se constituem também como vivências coletivas, onde esses sujeitos e suas lembranças caracterizam seus saberes no interior de um mesmo processo social, ou seja, aprenderam a fazer o artesanato a partir de suas ancestrais, sejam avós ou tias e carregam consigo lembranças de um mesmo momento, mas claro que cada uma com suas particularidades e individualidades.

Observa-se que os fazeres dessas mulheres que realizam esse artesanato se articulam com os viveres que tiveram com suas ancestrais, constituindo a essência do artesanato os saberes compartilhados, que são propagados a partir dessa tradição entre mãe e filha. Assim, a continuação desses saberes representam o processo histórico ao qual o artesanato está inserido e ressignifica a identidade cultural dessas mulheres artesãs, que propagam essa manifestação artística na comunidade e a torna reconhecida por essa predominância artesanal, ou seja, para além da identidade individual das artesãs a prática cultural também se predomina na identidade da comunidade ao todo, haja vista que a maior parte das mulheres que residem no lugar realizam a confecção do artesanato a partir da palha de Licuri. Dessa forma, a comunidade se destaca e é reconhecida pela prática artesanal predominante na região.

O processo de produção do chapéu, objeto mais confeccionado entre as mulheres, primeiramente inicia-se com a retirada dos oíós ainda verde, e após isso são colocados para secarem. Vale ressaltar que esse processo se aplica as mulheres que detém da palmeira Licuri em suas roças, pois aquelas que não tem compram a carga dos oíós de vendedores que há na região, e na maioria das vezes a carga já vem com os oíós secos. Assim, com os oíós secos, são produzidas as tranças, e após a produção do trançado que são medidas por braças, onde uma braça equivale a aproximadamente cem centímetros, ou seja, um metro, dessa forma a quantidade de chapéus vai de acordo com a quantidade de braças que há na trança. Em sequência ao processo de confecção, elas são despenadas, ou seja, são retiradas as pontas das palhas que foram emendadas no decorrer do trançar, depois são passadas em um escoraçador para amolecer mais a trança e facilitar na costura, que é o momento final da confecção, a feitoria dos chapéus e seus acabamentos.

Vale destacar que os centímetros da trança variam de acordo com a quantidade de chapéus que há nela, sendo eles separados em chapéus de três voltas que é o menor, geralmente trançado apenas com a palha branca do Licuri, e os de quatro voltas que é o maior, trançado com palhas misturadas entre brancas e azuladas para aproveitarem mais as palhas e a trança render mais. Também são utilizadas palhas verdes de outro coqueiro, a Palmeira Syagrus

campylospatha, conhecida na região como palha de raposa<sup>11</sup>, suas palhas não possuem espinhos e são utilizadas para render mais nas tranças, essas palhas são encontradas nos morros da comunidade, e as mulheres que gostam de utiliza-las saem a sua procura para complementar o rendimento de suas tranças, vale destacar que as palhas desse coqueiro também são utilizadas para confecção de vassouras, mas são raras as pessoas que as produzem.

Abaixo apresento duas imagens da palmeira *Syagrus werdermannii* Burret utilizada pelas artesãs para complementar no rendimento das tranças, a palmeira é conhecida na comunidade como palha de raposa, seu coqueiro é menor em relação ao de Licuri, e suas palhas tem a diferença na cor e no tamanho. Elas são de grande predominância na região e é utilizada por algumas artesãs, pois alguns clientes têm preferência por produtos confeccionados com esse material por ter boa resistência ao sol. Porém, não é todas as artesãs que confeccionam os produtos artesanais com as palhas dessa palmeira, a predominância do artesanato é realizada a partir da Palmeira Licuri.

Figura 10 e 11: Fotografia da palmeira *Syagrus werdermannii* Burret conhecida como palha de raposa.



Fonte: Acervo particular da autora, 2025.



Fonte: Acervo particular da autora, 2025.

<sup>11</sup> *Syagrus werdermannii* Burret é uma palmeira popularmente conhecida pelo nome de Coco-de-vassoura que tem seu habitat nas áreas de cerrado aberto do sul do estado da Bahia, especificamente na região de Caetitê. Sendo uma espécie de ocorrência muito restrita e devido a destruição de seu habitat, corre algum risco de extinção. Em geral apresenta-se em agrupamentos ou colônias que atingem um metro e meio aproximadamente. Os frutos, que amadurecem na primavera, têm forma arredondada e cor verde-amarelada. A palmeira coco-de-vassoura é também conhecida como coco-de-raposa e coco-de-peneira. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Syagrus\\_werdermannii](https://pt.wikipedia.org/wiki/Syagrus_werdermannii). Acesso em: 04/06/2025.

Ainda sobre os chapéus é importante frisar que o chapéu de três voltas equivale a quatro braças, já o de quatro voltas é constituído de cinco braças, por isso algumas rodas de tranças são maiores que outras, porque vai de cada artesã e sua forma de trançar, que pode ser mais apertada ou folgada, e também a quantidade de chapéus que elas ajuntam na trança antes de iniciar as costuras e de quais chapéus são. Ademais, os chapéus não se limitam apenas a essas medidas, esses são os mais comercializados, porém há também a confecção de outros maiores, com a medida determinada pelo cliente sob encomenda.

Para complementar o exposto acima sobre o processo de produção do chapéu, destaco algumas imagens abaixo que expressam momentos para essa produção artesanal, desde os oíós verdes ao sol para secarem, do momento das palhas já secas sendo lascadas com uma faca, do feicho de palhas azuladas após lascadas e por fim, da realização do trançado que exemplifica a arte das mãos que produzem e os movimentos aos quais vai constituindo o trançado final.

Figura 12: Fotografia das palhas do coqueiro Licuri ainda verdes postas ao sol para secarem e serem trançadas.

Figura 13: Fotografia de Maria de Jesus Araújo lascando as palhas de Licuri já secas para trançar o chapéu.



Fonte: Acervo particular da autora, 2025.



Fonte: Acervo particular da autora, 2025.

Figura 14: Fotografia do feicho de palhas de Licuri depois de secas e lascadas prontas para serem trançadas.

Figura 15: Fotografia de Maria de Jesus Araújo trançando chapéus de três voltas, com palhas brancas.



Fonte: Acervo particular da autora, 2025.



Fonte: Acervo particular da autora, 2025.

A etapa final da confecção do chapéu é o de costura, etapa que na atualidade muitas das mulheres sentem dificuldade em realizar, devido à idade e principalmente, os problemas na coluna, pois para realizar esse acabamento é necessário sentar no chão e ficar com a coluna inclinada para a frente e também fazer vários movimentos com os braços, um demorado vai e vem em cada parte trançada. Porém, mesmo com essas especificidades todas artesãs sabem costurar e são raras as que não o fazem.

Mesmo o costurar do chapéu ser a parte mais delicada no processo de confecção, há mulheres em específico que preferem costurar o chapéu ao invés de trançar ele. Tanto é que na comunidade de Jiboia e na comunidade de Lagoa do Maurício há mulheres que exercem essa prática e lucram através dela. Elas costuram as tranças de outras mulheres e a partir disso fazem sua renda. E como exemplo trago o caso de uma das entrevistadas, Maria Silva Meira que prefere costurar que trançar e também costura as tranças de outras mulheres da comunidade de Jiboia e circunvizinhas. Durante a entrevista indaguei a ela quais as contribuições que a prática dessa atividade artesanal proporciona a sua vida e ela respondeu que,

É uma terapia com certeza [...] Eu gosto mais de costurar, não gosto muito de trançar não, eu tranço porque não tem jeito, por isso eu costuro mais pros outros qui pra mim mesma, quando mãe era viva eu costurava muito pra ela, ela trançava e eu costurava, as veiz era só costurando mesmo, mais eu adoro costurar, tem gente qui fala que não sabe como eu aguento ficar sentada, eu faço porque eu gosto. Já costurei dez chapéu no dia, agora trançando o máximo em um dia é três. (Maria Silva Meira, entrevista concedida a autora em 30 de abril de 2024).

Diante disso, observa-se que existem preferências entre as etapas de produção do artesanato, sejam no trançado ou na costura. Algumas artesãs gostam mais do trançar, que não exigem tanto a mobilidade do corpo e sim apenas das mãos, já outras preferem o costurar e se

sentem bem com isso. Abaixo trago algumas imagens desse processo final da confecção do chapéu, que é o momento de sua costura. Na primeira imagem destaco os materiais utilizados para suporte na confecção, onde o principal é a forma, que vai moldar o chapéu, alguns preguinhos para firmar a trança na forma, uma pedra para bater os pregos, uma agulha e as palhas verdes já lascadas para costurar o chapéu. A segunda e a terceira, representam o chapéu em processo de costura e a quarta ilustra o produto final após ser costurado e com os acabamentos. Vale destacar que as imagens apresentadas foram retiradas na casa de Maria Silva Meira, após finalizada a entrevista e os chapéus costurados são de outra mulher da comunidade que paga a ela para costura-los. Outro detalhe interessante é que durante a entrevista Maria estava realizando a costura e só parou após a entrevista acabar e ela me ceder espaço para registrar as fotografias.

Assim, mais uma vez é possível analisar o momento das mãos que produzem o trabalho artesanal, e para além da imagem, também no momento da entrevista, que mesmo ela estando respondendo meu questionário, não deixou de realizar seu trabalho, demonstrando que seu foco estava em ambos momentos, tanto no movimento das mãos como também em sua memória, sendo transmitida através da narrativa oral, dialogando sua fala com a entrevistadora.

Figura 16: Fotografia dos materiais utilizados para suporte na confecção do chapéu.

Figura 17: Fotografia de Maria Silva Meira sentada no chão costurando o chapéu.



Fonte: Acervo particular da autora, 2025.



Fonte: Acervo particular da autora, 2025.

Figura 18: Fotografia do chapéu em processo de costura, com os materiais utilizados para sua confecção.

Figura 19: Fotografia dos produtos no estágio final, após serem costurados e com os acabamentos.



Fonte: Acervo particular da autora, 2025.



Fonte: Acervo particular da autora, 2025.

Diante do que já foi exposto até aqui, é possível observar o quão marcante é a manifestação cultural da comunidade de Jiboia e como as mulheres artesãs estão conectadas com esse fazer artesanal. Dessa forma, para compreender o quão o artesanato está vinculado aos movimentos das mãos das artesãs, e como essa é uma das fases mais importantes na construção do produto, apresento as contribuições de Ricardo Gomes Lima, no artigo *Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda* (2009), onde o autor apresenta que,

O artesanato se refere a um ofício ou objeto cuja origem é eminentemente manual. São as mãos que executam o trabalho. Elas são o principal, senão o único instrumento utilizado na construção do objeto. A utilização de ferramentas, incluindo máquinas, ocorre apenas de forma suplementar, como apêndice ou extensão das mãos, sem ameaçar a sua posição dominante. (Lima, 2009, p. 1).

Diante do que já foi apresentado até aqui, foi possível observar a história da identidade das mulheres artesãs da comunidade de Jiboia a partir de suas memórias e narrativas, a herança cultural deixada por suas ancestrais e a preservação dessa cultura. Dessa forma, entende-se que essa prática artesanal realizada por essas artesãs se constitui como seu patrimônio, haja visto que através das lembranças da constituição do artesanato em suas famílias representam a riqueza dessas mulheres e da comunidade, revelam sua cultura, seus modos de fazer e viver.

E para complementar essa análise patrimonial, destaco as contribuições de Paulo César Tomaz, no texto: *A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil* (2010), que é apresentado pelo autor que,

A preservação do patrimônio histórico deve-se ao fato de que a vida de uma comunidade, de um povo, está relacionada ao seu passado, à sua vivência, às transformações ocorridas na sua história. A preservação tem por objetivo guardar a memória dos acontecimentos, suas origens, sua razão de ser. Torna-se também

imprescindível relacionar os indivíduos e a comunidade com o edifício a ser preservado, visto que uma cidade, no seu viver cotidiano, tem sua identidade refletida nos lugares cuja memória os indivíduos constroem no dia-a-dia. Preservar o patrimônio histórico é relacioná-lo com as interações humanas a ele ligadas. (Tomaz, 2010, p. 6).

Portanto, a melhor forma de contar, preservar, ressignificar e homenagear essa herança cultural e as detentoras dessa cultura na comunidade de Jiboia, foi através dessa pesquisa, onde divulgo nossa prática artesanal e a bagagem que ela abarca em nossas vidas, essa é nossa raiz, e é com as narrativas das artesãs entrevistadas que transformo suas memórias e saberes em História.

### **3. AS MULHERES DO LICURI: ARTESANATO E SUSTENTO FAMILIAR.**

“pra melhorar o meu recurso di meu bolsa família, é pouco aí eu tenho qui faze e vendo, costuro e vendo, outra hora vendo a trança, porque os material tá caro eu tenho qui comprar os oíó e é caro e é difícil di arrumar e ai agora eu faço pra melhorar minha renda” Maria de Jesus Araújo, 2024.

O artesanato apresentado nessa pesquisa remete ao artesanato tradicional, visto que consiste em produtos confeccionados por um determinado grupo de mulheres, com base em tradições ancestrais, onde sua importância consiste no valor cultural preservado na memória das artesãs, que é transmitida de geração em geração. Entretanto, não se sabe ao certo o período de início dessa prática artesanal em suas famílias, mas segundo as mulheres entrevistadas corresponde a mais de séculos de realização.

Diante disso, apresento uma periodização em que as entrevistadas vivenciaram e vivenciam. Nos anos finais do século XX e já no decorrer do século XXI, sendo mil novecentos e noventa e oito, onde as condições não eram tão práticas quanto na atualidade, pois nesse período não haviam transportes, não haviam benefícios do Governo Federal e as famílias dependiam exclusivamente do trabalho de subsistência na roça e das produções artesanais para sobreviverem. Bem como é apresentado por uma das entrevistadas, dona Izabel Soares dos Santos, que atualmente tem setenta e oito anos de idade e é aposentada. Durante a entrevista questionei se ela acha que essa prática artesanal proporcionava uma garantia na renda familiar? E se sim, como? E ela me respondeu que,

É, sim porque toda vez gente faz vende, e rimidea. Eu mermo pra depender de mim pra coisa não tinha, não tinha bolsa famia, não tinha nada, nunca tive, é disso ai mermo, disso ai, farinha qui agente fazia, era chapéu, cevo, moía agum pouco esse tempo tudo dava, mais mio agora tem de ser da isteira e do chapéu mermo. (Izabel Soares dos Santos, entrevista concedida a autora em 22 de fevereiro de 2024).

Assim, podemos perceber a dependência da atividade de subsistência na roça e da prática artesanal na vida das pessoas durante aquele tempo, pois ela diz que não tinha outra coisa para dependerem além dessa atividade. Eram sustentados exclusivamente da farinha, da cana-de-açúcar, do chapéu e da esteira, que eles mesmo produziam para comercializarem e retirarem seu sustento. Em complemento com a fala da dona Izabel, trago as contribuições de Maria Souza de Jesus novamente, pois durante nossa entrevista a indaguei sobre quais eram as dificuldades enfrentadas com a realização dessa atividade artesanal e em sua comercialização, e ela me respondeu assim,

agora já tá sendo melhor de qui antigamente, levava, as vez não vendia, hoje o tanto qui gente tiver gente vende, o tanto qui a gente tiver agente vende, graças a deus. Quantas vez mesmo, a gente levava muitos assim na cabeça, e aquela turma de gente, quem ia levando menos ajudava o qui ia levando mais e chegava lá né, saia umas duas hora daqui, quando fosse seis hora tava chegando lá na feira, isso aí foi uma coisa muito difícil qui eu achei, pra mim hoje, hoje tá sendo fácil e a gente nem vai lá fazer isso, graças a deus, maisi foi muito custoso pro causa disso aí, porque a gente ia apé, não tinha cuma a genti fosse, e hoje graças a deus a gente tem transporte, mas não precisa nem da gente levar lá, hoje mesmo se eu tivesse mil aqui eu vendia, (risos risos). (Maria Souza de Jesus, 2024, entrevista concedida a autora em 01 de maio de 2024).

Com isso, compreendemos que naquele tempo a situação era mais difícil para as pessoas comercializar seus produtos, pois eles eram vendidos na cidade e não haviam transportes. Assim, as pessoas precisavam se locomover a pé durante a madrugada com seus produtos para chegarem no horário da feira e quando não possuíam animais de carga, os levavam na cabeça. Interessante destacar que na fala dela, dona Maria ressalta que iam uma turma de vendedores, todos juntos para a feira e aqueles que levavam poucos produtos ajudavam os que levavam mais, isso enfatiza que durante aquele tempo, a união do povo era grande, e todos se preocupavam em ajudar uns aos outros, pois entendiam a dependência que ambos tinham de comercializarem seu produtos.

O local onde as pessoas comercializavam e comercializam seus produtos é na feira livre de Macaúbas ou na feira do município de Boquira. Na feira de Macaúbas é o local onde todos do município se aglomeram para realizar suas vendas e compras. Interessante destacar que antigamente a feira acontecia em um só espaço da cidade, mas atualmente a feira é separada de acordo com os produtos comercializados em ruas diferentes, mas não distantes umas das outras. Existem os barracões, seja dos legumes, frutas e derivados, o barracão de alimentação, vendas de farinha, feijão e rapadura e o espaço livre para venda de chapéus, esteiras, tapetes, produtos de couro, panelas de barro, potes e derivados de barro. Entretanto, é normal de encontrar alguns desses produtos em um espaço diferente do seu barracão habitual, visto que os vendedores

comercializam vários produtos, com isso eles ficam no barracão de maior predominância do produto que estão vendendo.

No texto, *Arquitetura e Sociedade: construir, morar e trabalhar em Macaúbas, Alto Sertão da Bahia – 1800-1950*, de José Antônio de Sousa (2016) é possível analisar a descrição da conjuntura arquitetônica do espaço da feira livre de Macaúbas em meados do século XX, onde exemplifica o que mencionei acima, que era um único espaço onde se inseria diversos comerciantes de todo o município com uma diversidade de produtos comercializados. Em sua dissertação, José Antônio não faz só uma análise da composição espacial urbana e arquitetônica da feira livre, mas também realiza uma leitura das relações comerciais do município, ele apresenta “as relações comerciais, sociais e culturais dos feirantes, senhoras, senhores sob sol irradiante do sertão, os seus produtos expostos à venda ou troca, entendidos nesta pesquisa como bens materiais da cultura, os quais expressam a inventividade, valores culturais e morais” (Sousa, 2016, pg. 66).

As figuras abaixo exemplificam a descrição apresentada anteriormente, sobre a atual localização da feira livre de Macaúbas e sua divisão em barracões. A figura vinte ilustra o barracão de comercialização dos legumes, hortaliças e frutas, já a figura vinte e um ilustra o barracão de alimentação, onde é vendido os cafés da manhã, almoços e cereais. Assim, entende-se que cada comerciante se insere no barracão de maior predominância do produto que ele está comercializando.

Agora se tratando das figuras vinte e dois e vinte e três, apresento uma complementação do que foi apresentado por José Antônio de Sousa (2016), pois a partir das fotografias podemos analisar o momento da comercialização dos artesanatos na feira livre de Macaúbas durante o período dos anos noventa. Nessas imagens é possível observar a conjuntura das vendas durante o período, onde as mulheres artesãs exibem seus produtos confeccionados disponíveis a venda. Entre esses produtos comercializados encontra-se chapéus, esteiras e vassouras, produtos esses que são derivados da palha de Licuri, foco principal dessa pesquisa.

Assim, essas imagens possibilitam compreendermos a conjuntura da feira livre de Macaúbas em períodos diferentes, pois elas apresentam a diferença entre os locais de comercialização e suas estruturas físicas e a organização dos espaços para vendas dos determinados produtos.

Figura 20: Fotografia das atividades comerciais na feira livre de Macaúbas no barracão de frutas e legumes, 2025.

Figura 21: Fotografia das atividades comerciais na feira livre de Macaúbas, no barracão de alimentação, 2025.



Fonte: Acervo particular da autora, 2025.



Fonte: Acervo particular da autora, 2025.

Figura 22: Fotografia das atividades comerciais na feira livre de Macaúbas, finais do século XX.

Figura 23: Fotografia das atividades comerciais na feira livre de Macaúbas, finais do século XX.



Fonte: <https://www.facebook.com/share/p/1Cf5HNLgC4/Macaubasemfoco>. Acesso em: 19 de maio de 2025.



Fonte: <https://www.facebook.com/share/p/1Cf5HNLgC4/Macaubasemfoco>. Acesso em: 19 de maio de 2025.

Ainda sobre essa comercialização dos produtos confeccionados, podemos analisar na entrevista com minha mãe, Maria de Jesus Araújo que ao ser indagada sobre a localização em que as artesãs vendiam seus produtos, ela respondeu que eram comercializados “na feira lá, na feira livre , no tempo lá, não tem nem cobertura nada, é na cidade mais é lá no tempo lá, tem um lugar qui chama feira, a genti vai e fica lá e encosta lá algum lugar e vende”. Assim, essa narrativa dela complementa a leitura feita a partir das imagens acima sobre a feira livre e o espaço onde os produtos eram comercializados.

Abaixo apresento novamente outras imagens que possibilitam analisar a comercialização dos produtos artesanais na feira livre de Macaúbas, no início de dois mil e vinte e cinco. Essas imagens complementam as narrativas apresentadas pelas entrevistadas, quando mencionam que os produtos são comercializados lá no tempo, dessa forma ao interpretarmos essas falas e analisarmos as imagens compreendemos que se remete a um espaço aberto sem nenhuma cobertura, estando os comerciantes dos artesanatos e os produtos em condições adversas ao tempo, bem como o sol quente e as chuvas.

O espaço apresentado nessas duas imagens é localizado próximo ao barracão de alimentação, ilustrado na figura vinte e um. Agora se tratando da imagem vinte e cinco ela ilustra os produtos de dona Ana Brito dos Santos uma das revendedoras da comunidade de Jiboia, na imagem é possível analisar a diversidade dos produtos confeccionados a partir da palha de Licuri, bem como o chapéu, principal produto comercializado, as esteiras e também vassouras, essas que são produzidas a partir da palmeira conhecida entre as artesãs como palha de raposa. Interessante destacar que os chapéus apresentados na imagem possuem diferenças, principalmente nos tamanhos e na cor, com produtos de palhas alvas e palhas azuis.

Assim, as imagens destacam a diversidade de acabamentos que são produzidos entre as artesãs, entre eles estão chapéus de duas voltas, de três voltas, de quatro voltas e também um chapéu maior com cinco voltas, dessa forma os clientes terão mais opções de escolha dos produtos artesanais.

Figura 24: Fotografia do comércio na feira livre de Macaúbas, próximo ao barracão de alimentação 2025.

Figura 25: Fotografia dos artesanatos na feira livre de Macaúbas, próximo ao barracão de alimentação 2025.



Fonte: Acervo particular da autora, 2025.



Fonte: Acervo particular da autora, 2025.

Se tratando do período em que os comerciantes se locomoviam para a cidade em seus animais de carga ou a pé mudou a partir do início dos anos dois mil, pois nesse período passou a haver ônibus para transportar as pessoas para a feira no município. Bem como é possível analisar na entrevista com Maria Souza de Jesus, que ao ser indagada sobre como funcionava a venda dos produtos, se existe alguma associação para essas vendas, e ela respondeu que,

É assim, antes era mais ruim pro causa qui a gente tinha qui levar a feira pra vender e hoje não graças a deus hoje já tem os comprador qui vem comprar aqui nas casas da gente, não precisa a gente deslocar pra feira pra vender, foi muito bom isso ai falar a verdade, nem qui a gente vende menos preço mais sabe qui eles vao ganhar mais, mais a gente livra, porque se a gente for levar la na feira a despesa é mais porque a gente tem que pagar passagem e aqui não, a gente já vende menos mais um menos qui gente alivra de levar lá pra vender. (Maria Souza de Jesus, 2024, entrevista concedida a autora em 01 de maio de 2024).

Assim, a partir da citação é possível analisar a mudança no contexto das vendas dos produtos confeccionados. Primeiro, parando pra analisar o contexto econômico, porque por mais que o transporte facilitou a locomoção das pessoas e seus produtos para a feira livre, diminuía no valor arrecadado com as vendas, pois era necessário pagar as passagens do transporte, e nos dias difíceis de venda, ainda assim era necessário arcar com a viagem de ida e de volta.

Entretanto, já no decorrer dos anos, bem como em dois mil e vinte e quatro, e a articulação das vendas dos produtos começaram a ter mais compradores na própria comunidade para revende-los na cidade de Macaúbas, Boquira ou Ibipitanga, facilitou para as artesãs venderem seus produtos, por mais que isso diminuísse um pouco na renda que elas teriam com eles, mais em contrapartida sai em vantagem, pois existe a despesa de transportar o material até a feira, e elas comercializando na própria comunidade as evita de arcar com essa despesa, sem falar que muitas das artesãs já tem os gastos em comprar os oíos para confeccionar os produtos

antes de os comercializarem. Ainda sobre essa comercialização na própria comunidade também é possível ser analisada na narrativa da minha mãe, Maria de Jesus Araújo, que ao ser questionada sobre como são vendidos os produtos, se existe algum intermediário para as vendas ela apresenta que,

É antes a genti ia pa vende, tinha qui sair di madrugada, mais hoje não, as pessoa procura incomenda, aí a genti faiz, é cum meis dois meis, o tanto qui puder faze, o tanto qui faze a genti tem comprador, as pessoa compra, já é comprador e compradora, tem homis e muie qui compra pa negociar pra lá, pa revender. (Maria de Jesus Araújo, 2024, entrevista concedida a autora em 01 de maio de 2024).

Entre os entrevistados para a construção dessa pesquisa, três são revendedores dos artesanatos a partir da palha de Licuri, são eles: Marluce Pires de Oliveira, Ana Brito dos Santos e Antônio Martins dos Reis. Dona Marluce iniciou a compra dos produtos para revende-los a partir do ano de dois mil e vinte e dois, e quando a questionei como são revendidos os produtos que ela compra, a mesma destaca que, “antigamente todas as muié ia pra cidade né, agora não, a gente compra, tá levando pra cidade de Macaúbas e de lá vão pra outras cidade”. Já o senhor Antônio é o mais antigo comprador dos produtos na região serrana da comunidade de Jiboia e circunvizinhas, ao ser entrevistado o questionei a partir de quando ele começou a realizar a compra do artesanato para revende-los e onde os comercializa e ele apresenta assim,

Isso aí acho que já tem mais de quarenta ano qi eu uso comprar esse artesanato pra revender, tanto aqi qui eu vendia aqui na Macaúbas, qui nem já vendi muito na cidade de Ibipitanga, aqui em macaúbas eu comecei e depois passei a frequentar lá também, com o tempo qui eu trabalhava aqi e na Ibipitanga também, o mesmo artesanato, e vendia e até hoje vendo, assim pra fora vendo, eu vendo esses artesanato, eu vendo pra Lapa do Bom Jesus, eu vendo ali pra Guarambi, Dom Basílio, vendo pra Ibotirama, tudo eu vendo esse artesanato. Eu compro lá na mão das muié, tanto da família eu compro, cuma, como das vizinhas da comunidade de Boa Madeira e fora da comunidade eu também eu compro. Antônio Martins dos Reis, 2025, entrevista concedida a autora 07 de fevereiro de 2025).

Diante do exposto é possível compreender que através desses revendedores na comunidade facilita a comercialização dos produtos pelas artesãs e diminuem a despesa que elas teriam se ainda necessitassem se locomover até a feira do município para venderem seus objetos. Entretanto, há também o contexto do lucro desses revendedores que precisa ser analisado, pois eles compram os objetos nas comunidades por um valor e revendem na cidade por uma porcentagem maior, para obterem seu lucro.

Porém, esse lucro as vezes demora de retornar a eles, devido as baixas das vendas. Isso é possível de ser analisado a partir da entrevista com dona Marluce quando a indaguei sobre quais as dificuldades enfrentadas com a revenda desses produtos ela me respondeu que “as veis assim, porque as veis tá bom pra vender né, as veis tem dia qui é mais fraco, mesmo com essas baixa não desmotiva não, continuo indo, devagar e sempre né”. Assim, essa fala enfatiza o que

mencionei anteriormente, que seu lucro varia de acordo com as épocas de vendas, pois existe o período de maior procura e de baixa. Em complemento com essa narrativa de dona Marluce, trago as contribuições do sr. Antônio novamente, que ao ser questionado sobre a revenda dos produtos ele apresenta que, “a compra e a revenda desses produtos é di acordo o tempo, tem tempo qui a genti paga, compra, mais cum preço melhor outro tempo arruína e a genti tem que baixar o preço, pra comprar”.

Ademais, para complementar a compreensão acerca dos períodos de baixa e alta nas vendas dos artesanatos, trago as contribuições de Maria Souza de Jesus que ao ser indagada se a prática artesanal tem reconhecimento cultural na cidade a qual ela pertence, a mesma afirmou,

Com certeza, valoriza né, porque é uma procura, hoje ta sendo uma procura muito grande e a genti, mais que a gente pudesse faze fazia, e agora já vai chegando o são joao , já vai tiver mais incomenda, a demanda é muito mais ainda né, ai qui a gente já fica lembrando meu deus eu tenho qui fazer tudo pra esse, pra ve qui gente ganha mais, não pode perder di jeito nenhum. (Maria Souza de Jesus, 2024, entrevista concedida a autora em 01 de maio de 2024).

Diante da citação percebe-se que o mês de junho é o período de maior procura pelos artesanatos, devido aos festivos de São João, dessa forma as artesãs possuem demandas mais altas para as confecções dos produtos e ficam ansiosas pelas produções, pois é o período de maior saída na comercialização dos mesmos. A partir da citação também é possível analisar como a identidade da comunidade de Jiboia e as circunvizinhas se destacam durante o período junino, visto que a região serrana de Macaúbas possui maior predominância de artesãs que confeccionam artesanatos a partir da palha de Licuri, ressignificando o valor da região e sua bagagem cultural perante o município.

Em complemento com a narrativa de Maria Souza de Jesus sobre a demanda que o mês de junho abarca para as artesãs e os revendedores, e como a região é reconhecida pela predominância da produção artesanal, destaco as contribuições do sr. Antônio Martins dos Reis que ao ser entrevistado o indaguei se essa prática artesanal tem reconhecimento cultural em sua cidade e ele apresentou,

Valoriza sim, valoriza porque já foi chamado, já fez apresentações, elas já saiu pra fora. E aqui na Macaúbas elas já fez varias vezes, aí no centro cultural, (em um determinado ano a prefeitura da cidade realizou uma grande compra de chapéus e os distribuiu durante os festejos de São Joao na Cidade, e também realizou ornamentações com isteiras) eu mesmo já vendi, teve um tempo, foi esse tempo mesmo, mais isteira qui entrou aqui, eu trouxe aqui, quase mil isteira, em parceria com a prefeitura. Antônio Martins dos Reis, 2025, entrevista concedida a autora em 07 de fevereiro de 2025).

Ainda em relação as perspectivas dos revendedores dos produtos artesanais, é possível compreender outro tipo de dificuldade enfrentadas por eles a partir da fala de Ana Brito dos Santos, que é filha da dona Izabel Soares dos Santos uma antiga revendedora desses produtos

artesanais na comunidade, mas que devido à idade e questões de saúde passou o cargo a sua filha. Dessa forma, desde dois mil e vinte, dona Ana já é uma revendedora dos artesanatos na comunidade, e ao ser entrevistada a questionei sobre as dificuldades enfrentadas para comercializar seus produtos e ela respondeu que são “muitas coisas né, o carro a gente fala o carro, tem hora a chuva, enfrenta tudo, e o material? nem acha pra comprar né, tem hora que não acha também”. Nessa fala dona Ana enfatiza, principalmente a questão do transporte e do tempo, que muitas das vezes dificulta o processo de comercialização.

Em relação a subsistência familiar a partir da venda dos artesanatos, trago novamente as contribuições de Maria Souza de Jesus que ao ser questionada sobre o que é comprado com as vendas dos seus produtos ela respondeu que, “é tudo né porque, quando era um tempo, ajudava a gente a comprar os material da escola, ajudava a comprar as roupa os todo, os alimentos, pra mim foi uma ajuda qui pra mim foi di tudo, di tudo e ta sendo até hoje uma ajuda muito boa viu, não posso parar, deus não deixa”. Assim, é evidente que a comercialização dos produtos contribuía significativamente na vida das artesãs, pois através dele podiam comprar o combustível necessário a família, seja a alimentação, material escolar e vestimentas. Em complemento com a fala de dona Maria, destaco as contribuições de minha mãe, Maria de Jesus Araújo que ao ser questionada com a mesma pergunta anterior ela apresenta assim,

Compro di tudo o qui eu precisar, tem hora qui falta uma mistura, falta o arroz ou feijão ou um macarrão, o combustível o café o açúcar ou mermo o chinelo pros pé, a genti precisa a genti compra, porque tudo qui precisar a genti compra com isso aí, e também compra mais oí, qui a genti compro, vendeu aí já vai incomendar mais, pra tornar compra pra tornar faze mais pra não acaba. (Maria de Jesus Araújo, 2024, entrevista concedida a autora em 01 de maio de 2024).

Diante dessa fala é possível perceber que para além da alimentação, as artesãs que não possuem os oíós para retirada da matéria prima em suas propriedades para confeccionarem seus produtos também se preocupam em retirar do lucro dos produtos vendidos para estocarem mais matéria prima, de forma que possam produzir mais artesanatos.

Até aqui foi possível analisar como a confecção do artesanato a partir da palha do Licuri está diretamente relacionado a subsistência familiar das artesãs da comunidade de Jiboia, desde os finais do século XX, em que as famílias não possuíam auxílio do Governo Federal, até a atualidade que mesmo possuindo uma renda mínima, seja com a aposentadoria ou o Bolsa Família, as mulheres artesãs continuam com o fazer do artesanato, para complementarem sua renda familiar.

### **Considerações finais**

Chegando ao final da escrita dessa pesquisa relembro minha trajetória inicial na disciplina de Pesquisa I, onde comecei a pensar as possibilidades de temas que poderia escolher para escrever meu texto de conclusão de curso-TCC, e relembro que desde o início tive em mente escrever sobre algo relacionado a meu local de origem, meu município que oferece uma diversidade de temas culturais a serem abordados, o que me deixou um pouco dividida entre a história política e a história cultural de Macaúbas.

Entretanto, não foi muito difícil de escolher, visto que sendo mulher, negra, filha de trabalhadores rurais, moradora da zona rural e reconhecendo o valor de minha origem social, optei por trazer ao meio acadêmico a partir da História Oral a voz das mulheres da minha comunidade, suas memórias, saberes, viveres e sua história. Pois, me constituindo como uma historiadora senti na obrigação de ressignificar a prática artesanal a qual nasci inserida, o artesanato derivado da palha de Licuri possibilitou que eu entrasse na universidade e que nela permanecesse até aqui.

Dessa forma, essa pesquisa representa a importância que a prática artesanal realizada pelas mulheres artesãs na comunidade de Jiboia além do quesito econômico, pois durante um bom tempo a subsistência das famílias dependiam exclusivamente dessa realização, e a permanência dessa atividade artesanal na atualidade significa que o valor dessa cultura entre essas mulheres vai além da complementação na renda familiar, visto que essa é a bagagem cultural deixada por nossas ancestrais, ela representa nossas lembranças, nossa história, nossa maior riqueza. Sendo assim, ela tem que ser ressignificada, valorizada e divulgada.

Para a constituição dessa pesquisa me envolvi diretamente com a História Oral, História Social e História Cultural, sendo a primeira a principal no meu processo metodológico, pois a partir das narrativas coletadas com as entrevistas pude apresentar os aspectos históricos e sociais da comunidade de Jiboia, o modo de vida das artesãs, as experiências coletivas e individuais e suas manifestações culturais.

Entretanto, a pesquisa também possibilitou analisar que mesmo a comunidade se constituindo com uma grande quantidade de artesãs que realizam a confecção dos produtos a partir da palha de Licuri e tendo consigo o reconhecimento da importância dessa prática artesanal em suas vidas individuais e coletivas não existiu um apelo para além dessa conexão, pois as mulheres artesãs não se articulam para formarem uma associação de artesãs ou cooperativa, o que seria extremamente importante para o fortalecimento da visibilidade do

grupo de mulheres artesãs e também da permanência dessa atividade ancestral entre elas e a História da comunidade.

Sendo assim, para além da divulgação do trabalho artesanal na comunidade de Jiboia e a liderança feminina na atuação do mesmo, essa pesquisa possibilita apresentar a necessidade de articulação entre as artesãs, para que se possa pensar a possibilidade de criação de um grupo específico entre elas, que complemente a relevância dessa prática como um patrimônio cultural da comunidade e servir como apelo ao poder público do município de Macaúbas a corroborar no processo de planejamento e gestão pública, valorizando a cultura local e criando políticas, que colaborem para o desenvolvimento sustentável do artesanato entre as artesãs e a divulgação do seus produtos, contribuindo para a geração de renda entre as produtoras e o comércio local.

Por fim, essa pesquisa objetivou apresentar o processo do artesanato predominante na comunidade de Jiboia, tendo a liderança das mulheres em sua realização, aqui descrevi do começo ao fim como essas mulheres desenvolvem a subsistência de suas famílias a partir dos produtos artesanais, como eles são confeccionados e comercializados. Assim, por ser uma temática que abarca dimensões amplas, objetivo não terminar aqui e sim estender essa pesquisa para um mestrado, para outros aprofundamentos e novos estudos, me debruçando mais no estudo da temática, e a relevância que o artesanato tem na vida das mulheres artesãs da comunidade de Jiboia em Macaúbas. Essa pesquisa é só o passo inicial na elaboração e divulgação dessa história.

## Fontes

**Ângela Davis** biografia. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/angela-davis.htm>. Acesso em: 13/05/2025.

Brasil Escola. **Maria Quitéria**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br>. Acesso em 13/05/2025.

**Bell Hooks** biografia. Disponível em: <https://editoraelefante.com.br>. Acesso em: 13/05/2025.

Câmara Municipal de Macaúbas. **Sobre Macaúbas** Disponível em: <https://www.camaramacaubas.ba.gov.br/sobre-macaubas>. Acesso em: 08/04/2025.

**Criança Feliz e o Bolsa Família**. Disponível em: [https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/crianca\\_feliz/CriancaFeliz\\_BolsaFamilia.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/crianca_feliz/CriancaFeliz_BolsaFamilia.pdf). Acesso em: 09/04/2025.

**Coco-de-raposa**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Syagrus\\_werdermannii](https://pt.wikipedia.org/wiki/Syagrus_werdermannii). Acesso em: 04/06/2025.

Imagem via satélite da **localização da comunidade de Jiboia**. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Comunidade+Jiboia>. Acesso em: 29/04/2025.

**Lélia Gonzalez** biografia. Disponível em: <https://www.ebiografia.com>. Acesso em: 13/05/2025.

Tradução do resumo a partir do site: **Translated with DeepL.com** (free version). Disponível em: <https://www.deepl.com/pt-BR/translator/1/en/pt>. Acesso em 09/09/2025.

## Fontes orais

SANTOS, Ana Maria Brito, Ana Maria Brito dos Santos: Depoimento [21 de fevereiro de 2024]. Duração: 00:06:15. Entrevistadora: Mariele Araújo Santos. Macaúbas, 2024. Gravador smartphone. Moradora de Caetité. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso com a titulação: Produções Femininas: o artesanato a partir da palha de Licuri como forma de subsistência e resistência cultural na comunidade de Jiboia, 1998 - 2024 (Macaúbas-Ba).

REIS, Antônio Martins, Antônio Martins dos Reis: Depoimento [07 de fevereiro de 2025]. Duração: 00:25:00. Entrevistadora: Mariele Araújo Santos. Macaúbas, 2025. Gravador smartphone. Moradora de Caetité. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso com a titulação: Produções Femininas: o artesanato a partir da palha de Licuri como forma de subsistência e resistência cultural na comunidade de Jiboia, 1998 - 2024 (Macaúbas-Ba).

ARAÚJO, Maria de Jesus, Maria de Jesus Araújo: Depoimento [01 de maio de 2024]. Duração: 00:14:13. Entrevistadora: Mariele Araújo Santos. Macaúbas, 2024. Gravador smartphone. Moradora de Caetité. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso com a titulação: Produções Femininas: o artesanato a partir da palha de Licuri como forma de subsistência e resistência cultural na comunidade de Jiboia, 1998 - 2024 (Macaúbas-Ba).

MEIRA, Maria Silva, Maria Silva Meira: Depoimento [30 de abril de 2024]. Duração: 00:07:20. Entrevistadora: Mariele Araújo Santos. Macaúbas, 2024. Gravador smartphone. Moradora de Caetité. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso com a titulação: Produções Femininas: o artesanato a partir da palha de Licuri como forma de subsistência e resistência cultural na comunidade de Jiboia, 1998 - 2024 (Macaúbas-Ba).

JESUS, Maria Souza, Maria Souza de Jesus: Depoimento [01 de maio de 2024]. Duração: 00:16:40. Entrevistadora: Mariele Araújo Santos. Macaúbas, 2024. Gravador smartphone. Moradora de Caetité. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso com a titulação: Produções Femininas: o artesanato a partir da palha de Licuri como forma de subsistência e resistência cultural na comunidade de Jiboia, 1998 - 2024 (Macaúbas-Ba).

OLIVEIRA, Marluce Pires, Marluce Pires de Oliveira: Depoimento [29 de abril de 2024]. Duração: 00:08:12. Entrevistadora: Mariele Araújo Santos. Macaúbas, 2024. Gravador smartphone. Moradora de Caetité. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso com a titulação: Produções Femininas: o artesanato a partir da palha de Licuri como forma de subsistência e resistência cultural na comunidade de Jiboia, 1998 - 2024 (Macaúbas-Ba).

SANTOS, Izabel Soares dos, Izabel Soares dos Santos: Depoimento [22 de fevereiro de 2024]. Duração: 00:11:54. Entrevistadora: Mariele Araújo Santos. Macaúbas, 2024. Gravador smartphone. Moradora de Caetité. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso com a titulação: Produções Femininas: o artesanato a partir da palha de Licuri como forma de subsistência e resistência cultural na comunidade de Jiboia, 1998 - 2024 (Macaúbas-Ba).

### **Referências Bibliográficas**

ALVES, Silene Lazarito. **Ouricuri: produção artesanal e turismo em alagamar - Pirambu/Se**, 2020.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005 apud S. da Silveira Costa 2007.

DRUMOND, M. A. **Licuri Syagrus coronata (Mart.) Becc.** Petrolina: Embrapa SemiÁrido, 2007. 16 p. (Embrapa Semi-Árido. Documentos, 199).

ERRANTE, Antoinette. **Mas afinal, a memória é de quem? Histórias Oraís e Modos de Lembrar e Contar.** História da Educação/ASPHE, Pelotas: Ed. da UFPel, n. 8, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 38.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990. apud Santos, Antônio Cesar de Almeida, 2005, p. 4.

LE GOFF, J. **História e Memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 5. ed., 2003, p. 469-470.

LEE, Peter. **Por que aprender História?** Educar em Revista, Curitiba Brasil, no 42, p. 19-42, out-dez 2011. Editora UFPR.

LIMA, Ricardo Gomes. **Artesanato e Arte Popular: duas faces de uma mesma moeda.** 2009, p.1. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br>. Acesso em: 15/05/25.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **O negro do Pomba quando sai da Rua Nova, ele traz na cinta uma cobra coral: Os desenhos dos corpos-territórios evidenciados pelo Afoxé Pomba de Malê.** 2014. 180 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Desenho Cultura e Interatividade) - Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Feira de Santana, 2014. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/97/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Eduardo%20Miranda.pdf>. Acesso em: 13/05/2025.

PEREIRA, Carlos José da Costa. **Artesanato-definições, evoluções-ação do MTb-PNA.** Brasília, Mtb, 1979.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade social.** In: Estudos Históricas, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

ROMERO, Fanny Longa. **“Fazer artesanato para fazer a roça”**: apropriações e usos de recursos naturais na Comunidade Quilombola da Serra das Viúvas, sertão alagoano. UNIOESTE/PR. 2014;

STANGER, Monica Zanellato. **Memória, Patrimônio e História: uma abordagem prática**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2513-8.pdf>  
Acesso em: 09/04/2025.

SOUSA, José Antônio de. **Arquitetura e sociedade: construir, morar e trabalhar em Macaúbas, alto sertão da Bahia - 1800-1950**. 2016, pg. 66 Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5659/1/JOSE\\_ANTONIO\\_SOUSA.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5659/1/JOSE_ANTONIO_SOUSA.pdf). Acesso em: 15/05/2025.

TOMAZ, Paulo Cesar. **A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil**. Fênix (UFU. Online), v. 07, p. 6, 2010.  
Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/download/260/245>.  
Acesso em: 15/05/2025.

## Anexos

### **Roteiro para coleta de dados com as artesãs da comunidade de Jiboia:**

1. Qual o seu nome, idade e profissão?
2. De que cidade/comunidade você é?
3. A partir de quando começou a realizar o artesanato com a palha de licuri?
4. Essa prática artesanal se faz presente em sua família? se sim, a quanto tempo?
5. Como funciona a realização da atividade artesanal em sua família? todas as artesãs têm a mesma função?
6. Qual a motivação para praticar essa atividade artesanal?
7. Há outras mulheres na comunidade que realizam essa mesma atividade? se sim, são muitas?
8. Você acha essa prática importante para as mulheres da comunidade?
9. Existe alguma diferença nos objetos produzidos entre as mulheres artesãs? ambas produzem as mesmas peças?
10. Você acha que essa prática artesanal proporciona uma garantia na renda familiar? se sim, como?
11. Como são adquiridos os materiais usados para as produções?
12. Apenas as mulheres realizam essa prática artesanal?
13. Como funciona a venda dos produtos? Existe alguma associação para essas vendas?
14. Existe algum órgão público que impulsiona a prática do trabalho artesanal da comunidade?
15. Vocês vendem para algum intermediário? O produto artesanal é vendido para outra cidade?
16. Vocês compram o que com a venda do artesanato?
17. Em quais locais da cidade vocês vendem os produtos?
18. Quais as dificuldades enfrentadas com a realização dessa atividade artesanal?
19. Você considera essa atividade artesanal como símbolo de resistência cultural?
20. Você considera essa atividade artesanal como patrimônio material da comunidade?
21. Quais lembranças vêm a sua mente a partir da realização desse artesanato?
22. Essa prática artesanal tem reconhecimento cultural na cidade a qual você pertence?
23. Quais as contribuições que a prática dessa atividade artesanal proporciona a sua vida

**Roteiro para coleta de dados com o revendedor dos artesanatos mais antigo da região:**

1. Qual o seu nome, idade e profissão?
2. De que cidade/comunidade você é?
3. A partir de quando começou a realizar a compra do artesanato da palha de licuri para revender?
4. Essa prática se fez presente em sua família? se sim, a quanto tempo mais ou menos?
5. Como funciona a compra e revenda dos produtos?
6. Qual a motivação para praticar essa atividade, é uma questão familiar e financeira?
7. Há outros homens na comunidade que realizam essa mesma atividade? se sim, são muitos?
8. Você acha essa comercialização importante para as pessoas que você compra os produtos para revende-los?
9. Quais os objetos produzidos entre as mulheres artesãs que você mais comercializa?
10. Você acha que essa prática artesanal proporciona uma garantia na renda familiar? se sim, como?
11. Você só comercializa os produtos, ou também os produz?
12. Você tem lucro com a revenda desses produtos?
13. Em qual local da cidade você revende os produtos?
14. Quais as dificuldades enfrentadas com a comercialização desses artesanatos?
15. Você considera essa atividade artesanal como símbolo de resistência cultural entre as mulheres produtoras?
16. Você considera essa atividade artesanal como patrimônio da comunidade?
17. Essa prática artesanal tem reconhecimento cultural na cidade a qual você pertence?
18. Qual contribuição essa comercialização traz a sua vida, para além da questão financeira?

Fotografias registradas pela autora no decorrer da pesquisa: a palmeira Licuri, os frutos dessa palmeira o cacho de coco, da palmeira conhecida como palha de raposa, da trança com a palha de raposa, e produtos inovadores de algumas artesãs, bem como o boné e os chapéus infantis.



## Apêndices

Termo de consentimento livre e esclarecido para os entrevistados:



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA  
BAHIA DEPARTAMENTO DE  
CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS VI  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E  
ESCLARECIDO**

**ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM  
PESQUISA-COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO  
Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE**

#### **4. - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:**

**PRODUÇÕES FEMININAS: O ARTESANATO A PARTIR DA PALHA DE LICURI  
COMO FORMA DE SUBSISTÊNCIA E RESISTÊNCIA CULTURAL NA  
COMUNIDADE DE JIBOIA, 1998 - 2024 (MACAÚBAS-BA).**

**I - PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Mariele Araújo Santos

**Cargo/Função:**

Graduanda/ Pesquisadora

#### **II - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:**

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: **“Produções Femininas: o artesanato a partir da palha de Licuri como forma de subsistência e resistência cultural na comunidade de Jiboia, 1998 - 2024 (Macaúbas-Ba).”** de responsabilidade da pesquisadora *Mariele Araújo Santos* graduanda em História pela Universidade do Estado da Bahia, campus VI, sob a orientação do Professor Dr. *Nivaldo Osvaldo Dutra*.

A pesquisa visa analisar o trabalho artesanal de mulheres jiboenses, artesanato feito a partir da palha de Licuri, como forma de subsistência e resistência cultural, na comunidade de Jiboia, no século XX. O objetivo dessa pesquisa é examinar o trabalho artesanal das mulheres, como meio de renda econômica. Tornando-se então trabalho essencial para contribuir com a sobrevivência da família dessas mulheres. A investigação desse objeto de estudo parte da comunidade de Jiboia do município de Macaúbas-Ba.

A proposta dessa pesquisa é abordar a importância dessa prática artesanal com enfoque na história regional proporcionando a construção historiográfica da região e a discussão de como se deu o desenvolvimento interno desse local (BARROS, 2004). Além disso, irá enfatizar

a participação feminina na sustentação familiar a partir do trabalho artesanal produzido com material do próprio local que habitam, como forma de valorizar a trajetória dessa realização, reconhecer esse trabalho como patrimônio cultural e enaltecer a trajetória dessa produção passada de mãe para filha, tornando-o símbolo de resistência cultural na comunidade.

Para realização desta pesquisa tem como suporte, contribuições da História Oral, visto que para realização da mesma haverá produção de entrevistas, no intuito de analisar as perspectivas das mulheres artesãs e as memórias deixadas por suas ancestrais. Esse uso da História Oral vai se refletindo nas narrativas dessas mulheres com o tema, possibilitando analisar como as realidades do passado chega até o presente e como se dialogam com ele.

As entrevistas serão gravadas em formato digital (celular) e, posteriormente, transcritas pela própria pesquisadora. Esclareço que todo material coletado será utilizado única e exclusivamente para fins desta pesquisa.

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios, como contribuir para o reconhecimento e a valorização da prática artesanal das mulheres da comunidade de Jiboia. Caso aceite, as mulheres serão entrevistadas, e as entrevistas serão gravadas com o uso do celular. Os dados serão analisados pelo pesquisador professor Doutor *Nivaldo Osvaldo Dutra* e posteriormente serão usadas no desenvolvimento do texto de conclusão de curso (TCC).

Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Caso queiram, as mulheres poderão, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com os pesquisadores ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) participante apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora.

Em qualquer ocasião, entre em contato com a graduanda ou com o orientador, para novos esclarecimentos sobre a pesquisa, por meio dos telefones e endereços que se encontram logo a seguir.

Se assim julgar necessário, o Comitê de Ética em Pesquisa da UNEB também pode ser contatado pelo telefone (71) 3117-2200.

Na expectativa de contar com seu consentimento para participação nesta pesquisa, agradecemos antecipadamente.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA  
BAHIA DEPARTAMENTO DE  
CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS VI**

**III - INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DAS  
RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA  
CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS**

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:**

Mariele Araújo Santos, graduanda em História na UNEB/CAMPUS VI

Endereço: Rua José Joaquim de Oliveira Caetité-Ba Bairro: Chácara

Telefone: (77) 999531664 E-mail: araujomariele123@gmail.com

**Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEPN 510 NORTE, BLOCO  
A 1º SUBSOLO, Edifício Exina - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 -  
Brasília- DF.**

**IV- CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO**

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido (a) pela pesquisadora sobre os objetivos, benefícios e riscos de minha participação na pesquisa **“Produções Femininas: o artesanato a partir da palha de Licuri como forma de subsistência e resistência cultural na comunidade de Jiboia, 1998 - 2024 (Macaúbas-Ba).”** E ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário/a na construção dessa pesquisa. Consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos, e autorizo também a utilização do meu nome para referenciar as narrativas coletadas a partir da minha entrevista. Diante disso, assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra ficará comigo.

Caetité-Ba, 01 de maio de 2024.

Assinatura do (a) participante da pesquisa



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH

CAMPUS VI - CAETITÉ/BA

### DECLARAÇÃO DE INEXISTÊNCIA DE PLÁGIO

Eu, Mariele Araújo Santos, estudante do curso de Licenciatura em História da UNEB, Campus VI, Caetité, declaro para os devidos fins, que o trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado **Produções femininas: o artesanato a partir da palha de Licuri como forma de subsistência e resistência cultural na comunidade de jiboia, 1998 - 2024 (Macaúbas-Ba)** é de minha autoria. Declaro ainda que os trechos e citações de terceiros presentes no texto estão devidamente referenciados conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), e que assumo inteira e total responsabilidade em caso de identificação de plágio, sujeitando-me às penas previstas no Código Penal Brasileiro.

Caetité, 12/01/2026

mariele Araújo Santos

Nome do(a) Discente – Nº de Matrícula 062010022.



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH

CAMPUS VI - CAETITÉ/BA

### DECLARAÇÃO DE (NÃO) USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Eu, Mariele Araújo Santos, estudante do curso de Licenciatura em História da UNEB, Campus VI, Caetité, declaro para os devidos fins, que o trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado **Produções femininas: o artesanato a partir da palha de Licuri como forma de subsistência e resistência cultural na comunidade de jiboia, 1998 - 2024 (Macaúbas-Ba)** é de minha autoria.

Considerando que recursos de inteligência artificial **não devem ser utilizados na escrita/produção da redação final do trabalho** de conclusão de curso, declaro também que durante a produção do texto:

NÃO houve o uso de inteligência artificial

SIM, houve o uso de Inteligência artificial. (Neste caso, informe abaixo o uso que foi feito e quais recursos foram utilizados, sabendo que a IA **não deve ser utilizada para escrita** do texto)

A Inteligência artificial foi usada no texto para:

revisão linguística do texto

elaboração de imagens e gráficos

tradução

Outros (especificar) \_\_\_\_\_

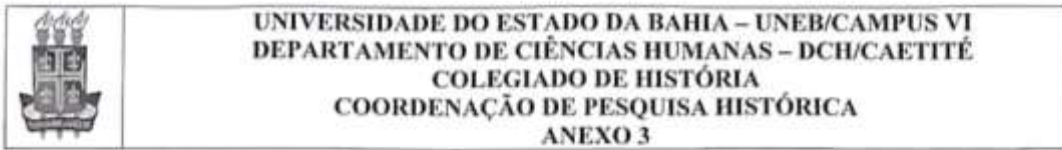
Cite os recursos de IA que foram utilizados (ex: Chat GPT)

\_\_\_\_\_

Caetité, 12/01/2026.

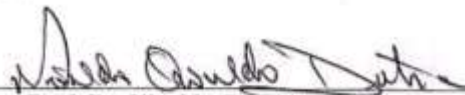
mariele Araujo Santos

Nome do(a) Discente – Nº de matrícula 062010022.

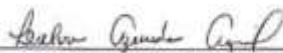


### ATA DE REUNIÃO DE BANCA EXAMINADORA DE DEFESA DE TCC

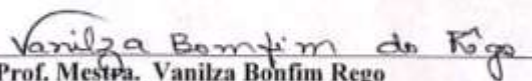
Aos 13 dias de novembro de 2025, às 16:20 horas, na sala cinco do Departamento de Ciências Humanas-DCH VI, Caetité, compareceu para Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Curso em História, a aluna Mariela Araújo Santos, tendo como título da monografia *Produções Femininas: o artesanato a partir da palha de licuri como forma de subsistência e resistência cultural na comunidade de jiboia, 1998 - 2024* (macaúbas-ba), texto com 49 folhas. Constituíram a banca examinadora os seguintes docentes: o professor Dr. Nivaldo Osvaldo Dutra (Orientador), da UNEB/Campus VI; a professora Dr<sup>a</sup>. Lielva Azevedo Aguiar, da UNEB/Campus VI (Examinadora); e a professora Mestra. Vanilza Bonfim Rego, da Rede Estadual de Educação e Mestra pelo PPGLES/UNEB/CAMPUS VI (Examinadora). O orientador abriu a sessão agradecendo a participação dos membros da Comissão Examinadora e a presença do público presente. Convidou a aluna para que fizesse a exposição do trabalho, em um tempo máximo de 30 minutos. Finalizada a apresentação, cada membro da Comissão Examinadora realizou, em até 20 minutos, a arguição da aluna. Dando sequência aos trabalhos, o orientador solicitou que a aluna e o público se retirassem da sala para que a Comissão Examinadora pudesse deliberar sobre a nota da monografia. Terminada a deliberação, o orientador solicitou a presença da aluna, e do público presente, e leu a ata, declarando aprovada a monografia da estudante Mariela Araújo Santos, com a nota 10,0 (dez). Na ocasião, a aluna foi informada que, a partir dessa data, deverá entregar, junto ao Colegiado de Curso, devidamente protocolada, em até dois (2) meses, a versão definitiva do trabalho defendido, em 1 (uma) via impressa e encadernada mais uma cópia digitalizada no formato PDF a ser enviada para o e-mail institucional [colhist.uneb6@gmail.com](mailto:colhist.uneb6@gmail.com), com as correções sugeridas pela Banca. Nada mais havendo a tratar, os trabalhos foram encerrados para a lavratura da presente ATA, que depois de lida e achada conforme, vai assinada por todos os membros da Banca Examinadora, em 13 de Novembro de 2025, às 18:00 h.



**Prof. Dr. Nivaldo Osvaldo Dutra**  
UNEB/Campus VI - Orientador



**Profa. Dr. Lielva Azevedo Aguiar**  
UNEB/Campus VI - Membro examinador



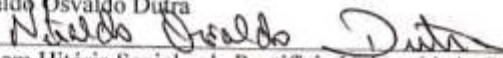
**Prof. Mestra. Vanilza Bonfim Rego**  
Professora da Rede Estadual, Mestra em Ensino Sociedade e Linguagem- PPGLES -UNEB-DCHVI Membro Examinador

**MARIELE ARAÚJO SANTOS**

**Produções Femininas: o artesanato a partir da palha de licuri como forma de subsistência e resistência cultural na comunidade de jiboia, 1998 - 2024 (macaúbas-ba).**

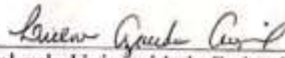
Aprovada em 13 de Novembro de 2025, com nota 10,0

Nivaldo Osvaldo Dutra



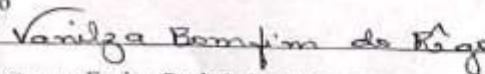
Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)  
Professor Adjunto da UNEB/Campus VI

Lielva Azevedo Aguiar



Doutora em História Social pela Universidade Federal da Bahia - (UFBA)  
Professora Assistente da UNEB/Campus VI – Membro interno

Mestra Vanilza Bonfim Rego



Prof. Da Rede Estadual, Mestra em Ensino Sociedade e Linguagem

PPGLES- UNEB-DCH VI – Membro externo